

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA INTERDEPARTAMENTAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM ARTES, URBANIDADES E SUSTENTABILIDADE

DOUGLAS SILVA LAURIA

INTENSIDADE, REVELAÇÃO E EQUILÍBRIO DE SI: A
FORMULAÇÃO DE UMA PRÁTICA DE ATOR VOLTADA PARA
O AUTOCONHECIMENTO

São João del-Rei

2018

DOUGLAS SILVA LAURIA

**INTENSIDADE, REVELAÇÃO E EQUILÍBRIO DE SI: A
FORMULAÇÃO DE UMA PRÁTICA DE ATOR VOLTADA PARA
O AUTOCONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade.

Linha de pesquisa: Processos Criativos

Orientador: Prof. Dr. Flávio Luiz Schiavoni

Co-orientador: Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela

São João del-Rei

2018

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca
(DIBIB) e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF)
da UFSJ, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L384i

LAURIA, DOUGLAS SILVA.

INTENSIDADE, REVELAÇÃO E EQUILIBRIO DE SI : A
FORMULAÇÃO DE UMA PRÁTICA DE ATOR VOLTADA PARA O
AUTOCONHECIMENTO / DOUGLAS SILVA LAURIA ;
orientador FLÁVIO LUIZ SCHIAVONI; coorientador
ANDRÉ LUIZ LOPES MAGELA. -- São João del-Rei, 2018.
87 p.

Dissertação (Mestrado - Pós-Graduação
Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e
Sustentabilidade - PIPAUS) -- Universidade Federal
de São João del-Rei, 2018.

1. ARTES. 2. URBANIDADES. 3. SUSTENTABILIDADE.
4. INSTINTO. 5. AUTOCONHECIMENTO. I. SCHIAVONI,
FLÁVIO LUIZ, orient. II. MAGELA, ANDRÉ LUIZ LOPES,
co orient. III. Título.

DOUGLAS SILVA LAURIA

**INTENSIDADE, REVELAÇÃO E EQUILÍBRIO DE SI: A
FORMULAÇÃO DE UMA PRÁTICA DE ATOR VOLTADA PARA
O AUTOCONHECIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa Interdepartamental de Pós-graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade da Universidade Federal de São João del-Rei, Campus Tancredo Neves, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade, na área de concentração em Processos Criativos.

São João del-Rei, 06 de julho de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela (Co-orientador) - UFSJ

Prof. Dr. Rogério Tavares Constante - UFPEL

Prof. Dr. Paulo Henrique Caetano - UFSJ

Profa. Dra. Larissa Medeiros Marinho dos Santos – UFSJ

Prof. Dr. Flávio Luiz Schiavoni

Orientador

“Cada segundo é tempo para mudar tudo para sempre”

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a tudo e a todos que, de alguma forma, me ajudaram nesta caminhada.

Um agradecimento carinhoso pela paciência e colaboração do meu orientador Flávio e também ao meu co-orientador Magela pela nossa parceria.

Agradeço, com carinho, a minha estimada companheira pelo apoio.

E, por último, um agradecimento especial para a CAPES por ter concedido a bolsa que, ainda em tempos difíceis, me oportunizou o privilégio da estabilidade financeira para viabilizar a pesquisa.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Representação dos instintos segundo o eneagrama. Toda pessoa possui os três instintos, mas devido as distorções da personalidade a tendência é sempre termos um desses instintos de modo dominantes, um segundo instinto na faixa média e um terceiro como reprimido.	18
FIGURA 2 – Mapa do bairro Bela Vista (São João del-Rei/MG).....	26
FIGURA 3 – Casa do bairro Bela Vista localizada na rua Irmão Moreira> casa que representa o instinto social dominante pela sua configuração de comunicação aberta. Não há grades nem muros que impeçam o contato com a rua.	28
FIGURA 4 – Casa do bairro Bela Vista localizada > as janelas não possuem grades de segurança. A comunicação entre a calçada e a rua é facilitada. Não se percebe intimidação em sua configuração, pois não há grades, não há muros, não há cercas.	28
FIGURA 5 – Casa do bairro bela vista localizada na rua > nessa configuração é possível perceber grades que impedem o contato com a rua, suscitando uma intimidação e desconfiança para quem passa a sua frente. É possível detectarmos a predominância do instinto de autopreservação e do sexual pela segurança privada e a demarcação do território.....	29
FIGURA 6 – Casa localizada na rua Alexina Pinto. a predominância de grades revela uma necessidade de autopreservação. Há câmeras de segurança que intimidam e violam o espaço público em nome da segurança privada, coagindo uma possível ameaça que venha de fora ao mesmo tempo em que se fecha para o contato social.	29
FIGURA 7 e 8 – Marcadores expressivos produzidos pelos participantes da oficina. No âmbito da investigação da pesquisa, servem para saber o quão consciente os participantes estavam do seus respectivos instintos.....	57
FIGURA 9 – Esboço a dinâmica de olhos fechados, com indicações sobre as sugestões de condução da mesma.....	69
FIGURA 10 – Esboço sobre a dinâmica queda livre, com indicações sobre as sugestões de condução da mesma.	71
FIGURA 11 – Ilustração sobre a dinâmica da cadeira A e B com indicações sobre a condução.....	73
FIGURA 12 – Desenho sobre a dinâmica da avalanche e indicações da condução prática.	76
FIGURA 13 – Oficina oferecida ao Grupo de Dança Afro Adidê Orí.....	81
FIGURA 14 – Fotografia da oficina ministrada no 1ª Seminário de Educação Teatral Trocas e Propostas (UFSJ)	82

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: características dos jogos competitivos e cooperativos	60
Tabela 2: comparação entre as bases da sustentabilidade e dos jogos cooperativos.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS INSTINTOS DO ENEAGRAMA DE DON RICHARD E RUSS HUDSON	17
1.1 O COMPORTAMENTO GLOBALIZADO DA NOSSA ESPÉCIE URBANA.....	23
1.2 COMPETITIVIDADE E INDIVIDUALISMO URBANO (ESTUDO DE CASO DO BAIRRO BELA VISTA)	26
1.3 A IDEOLOGIA DE UMA SUSTENTABILIDADE EQUIVOCADA.....	31
1.4 ARTE ALIENADA	33
2. O TRABALHO DE CAMPO NO GRUPO DE PESQUISA “PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM DIMENSÕES TEATRAIS: DELEUZE, GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL”	35
2.1 DESCRIÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA EM DELEUZE, GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL E ANOTAÇÕES DE CAMPO	36
2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO DA PRÁTICA: O PRIMEIRO PRECEITO CATALOGADO NO GRUPO DE PESQUISA DELEUZE GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL..	38
2.3 PARTES DO COMO E DO QUE SE TRABALHOU NO GRUPO DELEUZE GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL	39
2.4 PRECEITOS CATALOGADOS NO GRUPO DE PESQUISA GROTOWSKI DELEUZE EDUCAÇÃO	41
3. A VIDA COMO OBRA DE ARTE.....	44
4. A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA PRÁTICA	47
4.1 AS CONTRIBUIÇÕES DO ENEAGRAMA DE DON RICHARD RISO E RUSS HUDSON.....	51
4.2. METODOLOGIA	52
4.3 A CONFIGURAÇÃO PRÁTICA DA MINHA PROPOSTA DE OFICINA: MENOS IMAGEM E MAIS REVELAÇÃO DE SI – A FORMA E A FORÇA	59
UM PRINCÍPIO NORTEADOR ADOTADO PARA CONDUÇÃO DAS DINÂMICAS	65
DE OLHOS FECHADOS	67
QUEDA LIVRE.....	70
A DINÂMICA DA CADEIRA A E B	72
O JOGO CAÇA E CAÇADOR	74
ANDANDO PELO ESPAÇO.....	74
AVALANCHE	75
4.4 RESULTADOS.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85

RESUMO

Partindo do pressuposto que o autoconhecimento possibilita a ampliação da consciência, o presente trabalho, investiga, no âmbito prático e reflexivo, a experiência vivenciada no grupo de pesquisa *Produção de subjetividade em dimensões teatrais: Deleuze, Grotowski e educação teatral*, coordenado pelo Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela (DELAC/UFSJ). A partir disso, pretende-se elaborar uma proposta artística materializada em forma de uma oficina de expressão corporal. A teoria dos instintos do eneagrama proposta por Don Richard Riso e Russ Hudson (2016), os apontamentos de Jiddu Krishnamurti (2007) e as concepções artísticas de Grotowski (1971) são o eixo base sobre o qual se estrutura a oficina, que pretende ser um espaço para o autoconhecimento como forma de descondicionamento. A proposta busca a materialização da dimensão política através da experimentação da percepção como restituição da experiência sensível na tentativa de romper a reprodução hegemônica de modos de vidas; conectando diálogos com os temas intrínsecos ao Programa de Mestrado PIPAUS- UFSJ que versam sobre a Arte, Urbanidade e Sustentabilidade.

Palavras-chave: expressão corporal; autoconhecimento; eneagrama; Grotowski.

ABSTRACT

Based on the assumption that self-knowledge makes possible the expansion of consciousness, the present work investigates, in the practical and reflective scope, the experience lived in the research group Production of subjectivity in theatrical dimensions: Deleuze, Grotowski and theatrical education, coordinated by Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela (DELAC / UFSJ). From this, it is intended to elaborate an artistic proposal materialized in the form of a workshop of corporal expression. The theory of the enneagram instincts proposed by Don Richard Riso and Russ Hudson (2016), The paintings of Jiddu Krishnamurti (2007) And the artistic conceptions of Grotowski (1971) Are the base axis on which the workshop, which pretends to be a space for self-knowledge as a form of deconditioning. The proposal seeks the materialization of the political dimension through the experimentation of perception as restitution of the sensitive experience in the attempt to break the hegemonic reproduction of modes of lives; connecting dialogues with the themes intrinsic to the PIPAUS-UFSJ Masters Program that deal with Art, Urbanity and Sustainability.

Key-words: body expression; self knowledge; enneagram; Grotowski.

INTRODUÇÃO

Tudo começa com a inquietante busca de equilíbrio na produção dos modos de vida, na necessidade de uma mudança fundamental na consciência humana frente o desequilíbrio e o sofrimento humano que, em maior ou menor grau, afeta todos nós. Com isso, acredita-se aqui que o autoconhecimento é a base para tal mudança. Sendo assim, essa pesquisa pretende-se como luta contra a redução da experiência que podemos ter da vida a nos vermos como capital humano (LÓPEZ-RUIZ, 2008), o que se insinua em seguros de vida, em políticas de recursos humanos e na classificação de interesses pessoais como qualidade de vida ou educação dos filhos como investimentos. Em suma, uma luta contra a materialização da vida como produto. É uma luta para não aceitar a vida como lugar de investimento ou recurso conversível em capital. É uma luta inglória, porque somos muito pequenos, e a priori sem poder de enfrentamento ante as grandes corporações que impõem uma cultura dominante sobre as demais culturas existentes como nos mostra David Brocchi, em seu artigo “The Cultural Dimension of Sustainability” (2008). É uma luta contra a Monsanto, Bunge, Unilever, Coca Cola, Nestlé, Exxon Mobil, Volkswagen, entre outras multinacionais capazes de intimidar estados e nações inteiras, atualmente. Intimidações como a que aparece no documentário francês “O Mundo Segundo a Monsanto” de 2008. Esse documentário mostra os depoimentos de cientistas que apontam como a Monsanto intimidou o ministro da agricultura Norte Americana e o órgão federal de regularização – FDA, que corresponde a nossa Anvisa Brasileira – para uma decisão política e não-científica com respeito à liberação e comercialização no mercado global, de sementes modificadas e patenteadas pela Monsanto, resistente ao pesticida Roundup. Esse mesmo pesticida que se mostrou cancerígeno posteriormente por influenciar a mutação celular. Todavia, é custoso acreditar que essas empresas são obras humanas e que suas ações comprometem todo o ecossistema do planeta. O desafio maior antes de nos opormos a essas grandes corporações e o que elas representam, é opormos em nós o que fomenta essas grandes corporações.

Diante disso, cabe a pesquisa buscar formas, configurações que permitam algum tipo de resistência. Tudo começa com minha revolta diante da formatação de mundo que existia antes de eu nascer. Para não alongar, podemos dizer que essa pesquisa é uma tentativa de materializar essa mesma revolta que já se tentou expressar de diversas

maneiras, desde morar na rua até dar cabeçada no muro. Essa manifestação de revolta, agora, aposta na transformação promovida por processos artísticos, vislumbrando no trabalho de ator uma plataforma de intensificação das forças que nos constituem. E, como campo de forças, tendo a necessidade de um equilíbrio dinâmico que permita relações sustentáveis com o mundo. Relações que possam romper com hierarquizações e desigualdades, relações que possam fecundar a cooperação. A necessidade de compreendermos que o desequilíbrio da competitividade e o individualismo são expressões de alienação que comprometem a saúde e o bem-estar do nosso convívio. A conscientização que cada um de nós é representante da humanidade, e parte da humanização e proteger e cuidar dos elos mais fracos para que essa corrente humana não se rompa ou se fragmente como a atual desigualdade social e econômica que nós encontramos.

O presente estudo se aproveita da constatação daquilo que Milton Santos (2000) designa como “globalização perversa” em paralelo aos levantamentos históricos presentes na obra de Michel Foucault (2006), relacionados ao cuidado de si observados por ele nas culturas grega, romana e cristã como práticas responsáveis para moderar as tendências de nossa espécie a cometer excessos. Esses excessos podem ser observados em nossa atualidade como a tendência moderna em exacerbarmos um racionalismo desconectado dos processos sensíveis que nos constituem como humanos, e são essas ações desconectadas da afetividade que permitem atividades ligadas ao lucro individual, mesmo que esse promova o sofrimento coletivo. Como isso, faz-se necessário elaborações de propostas de autoconhecimento para influenciar no equilíbrio e na sensibilização do indivíduo e suas relações. Para tal feito foi usado minha experiência na graduação em teatro onde já vislumbrava um potencial de certas dinâmicas que escapavam da cena teatral e tocavam em aspectos de forças e intensidades que constituem a vida. Com isso, essa pesquisa buscou reunir em uma proposta de oficina de expressão corporal dinâmicas que mostrassem um potencial de intensificar a percepção sobre si.

E para esse intuito, busco, no trabalho de atuação baseado nos escritos de Jerzy Grotowski (1987), um ponto de partida para configurar uma proposta prática de intervenção na tentativa de ampliar a consciência em relação as camadas reativas que cristalizam nossas reações. Assim, proponho a junção do trabalho psicofísico de Grotowski junto a teoria dos instintos do eneagrama, de Don Richard Riso e Russ Hudson

(2016). O escopo dessa mescla de linhas de pensamento é materializar uma atmosfera que almeje efetivar o que pode ser chamado de revelações ou saídas de si.

Para a aplicação da dinâmica prática, essa configuração conta com os apontamentos levantados por Krishnamurti (2007) que dizem respeito a tendência de nós nos condicionarmos pelas experiências passadas, em como a memória – quando mau usada – interfere em nossa apreensão de mundo determinando nossas experiências em conformidade às experiências passadas, o que nos leva a uma *reação* ao invés de uma *ação*. Tais apontamentos constituem uma base para aprofundar no aqui-agora que as dinâmicas de ator propõem.

Um dos elementos que permitem um diferencial na abordagem e um aprofundamento prático na manifestação das forças que nos constituem foi encontrado principalmente na minha vivência e leitura do livro “A sabedoria do eneagrama” (2016) de Don Richard Riso e Russ Hudson, bem como na obra “Eneagrama”, de Helen Palmer (1993), que ajudam a dar um diagnóstico na aplicação prática da proposta. O Capítulo I do presente trabalho traz um aprofundamento destas contribuições dos instintos, mostrando como esses instintos foram moldados pela evolução e manifestam em nós como mecanismo de proteção e manutenção da vida. E – acrescento – quando esses instintos se encontram desequilibrados, acabam por distorcer nossa realidade, levando a reações instintivas desconectadas de uma real ameaça do ambiente. Isto posto, a proposta prática dessa pesquisa é justamente fornecer um diagnóstico que aponte a força dos instintos de preservação que se configuram em cada participante da oficina, a saber três: *preservação sexual, preservação social e autopreservação*.

No item 1.1 apresento um olhar sobre a globalização perversa segundo Milton Santos (2000), mostrando os três lados dessa globalização. Faço um apontamento sobre a geopolítica e como ela efetiva uma concepção subjetiva de constituição de si como capital humano. Abordo, também, o quanto as consequências sociais geradas pelo capitalismo atual contribuem para uma sociedade individualista e competitiva, dificultando a expressão de um comportamento social ancorado na solidariedade e na cooperação.

No item 1.2 faço um estudo de caso das casas do bairro Bela Vista com o intuito de identificar, nas configurações das casas, a predominância de como os instintos humanos são refletidos na arquitetura e nos acessórios tecnológicos presentes nas

residências. Com isso, pretende-se detectar nas configurações dessas casas expressões de competitividade e individualismo que acabam inviabilizando a dimensão social; suprimindo, segundo Lefebvre (2006), conflitos e valores contidos no espaço.

No item 1.3 aponto de que modo uma sustentabilidade condicionada a perpetuar valores mercadológicos e não verdadeiramente sociais distorcem uma concepção real de sustentabilidade. A noção ideológica de sustentabilidade é individualista e competitiva, atende a interesses privados e corporativos, isentando as grandes corporações de responsabilidades ecológicas e sociais que estariam ligadas a cooperação, igualdade, diversidade cultural e ao bem comum.

No item 1.4 reflito a respeito do segmento artístico, observo uma arte também influenciada por distorções instintivas de competição e individualismo. Reflito também sobre como a massificação artística que resvala para o entretenimento acaba reforçando uma passividade ao reforçar ideologicamente valores que não causam reflexão crítica aos seus consumidores, e que acabam incentivando a passividade e homogeneização para a consolidação do controle social que atende um interesse econômico de grandes corporações.

No capítulo 2 mostro onde fui buscar experiência para elaborar a proposta da oficina dessa pesquisa, falo da minha participação no grupo de pesquisa *Produção de subjetividade em dimensões teatrais: Deleuze, Grotowski e educação teatral*, coordenado pelo Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela. Nesse sentido, mostro os preceitos dos quais eu experiencio e reproduzo para a elaboração de minha proposta de oficina; preceitos relacionados a procedimentos que vão dos espaços onde ocorrem as oficinas até a catalogação de dinâmicas de ator, assim como modos de conduzi-las.

No capítulo 3 faço uma observação a partir de Foucault, no livro “A Hermenêutica do sujeito” (2006), sobre a possibilidade de produzirmos a vida como obra de arte. Olhando os *cuidados de si* apontados por Foucault como base para o equilíbrio existencial, através de práticas e modos de proceder que antigamente eram usadas para produzir uma vida bela. Desse modo, efetiva-se uma crítica sobre a racionalidade desconectada da afetividade na produção do conhecimento. Conectando a concepção de *cuidados de si* aos apontamentos de Milton Santos sobre a possibilidade de usarmos o conhecimento que possuímos na atualidade com uma finalidade que não seja voltada para

a obtenção de lucro financeiro, sugiro a elaboração de uma oficina de autoconhecimento que possa influenciar na sensibilização e no equilíbrio dos participantes.

No capítulo 4 começo a descrever a elaboração da oficina, demonstrando primeiramente o descondicionamento ancorado nos termos de Krishnamurti, uma das bases teóricas para elaboração da oficina.

Em seguida, no item 4.1 analiso a contribuição da teoria dos instintos de Riso e Hudson (2016) e de como esta se articula com a parte prática do trabalho de ator, auxiliando assim em um aprofundamento ao autoconhecimento, o que vem ser a principal proposta deste trabalho.

Na parte 4.2 apresento a metodologia de pesquisa elaborada com bases em um processo cartográfico. Faz-se uso da cartografia para garantir um certo grau de liberdade no processo que foi constituído de maneira não premeditada. Desta forma, descrevo como ocorreram encontros e fluxos de ideias que permitiram a composição e elaboração da pesquisa. Demostro, também como foi elaborada uma avaliação qualitativa sobre os resultados das práticas oferecidas.

No item 4.3 descrevo a configuração da oficina como proposta artística: mostro as origens de certas dinâmicas e do porquê elas foram incorporadas na oficina; faço um paralelo entre dinâmicas cooperativas com a sustentabilidade. Ao descrever essas dinâmicas usadas na elaboração das oficinas demonstro como foram elaboradas condições para trabalharmos o aspecto urbano no que diz respeito a como ele se relaciona aos nossos modos de agir frente a certas limitações e imposições do espaço.

Porém, este espaço é atravessado de possibilidades de modo a poder ser transgredido. Utilizamos a expressão corporal nas oficinas para que estas rompam espaços determinados e condicionados, subvertendo as configurações espaciais em novas formas de relações e convívio. Além, é claro, de mostrar o porquê das configurações das dinâmicas propostas influenciarem uma compreensão sensível de si, tanto pela identificação dos instintos como pela apreensão da imagem (limitantes) que mantemos de nós mesmos. Há também um tópico que se chama **Um princípio norteador adotado para condução das dinâmicas**, o qual ratifica como a proposta artística elaborada por esta pesquisa se conecta à dimensão política.

OBJETO DA PESQUISA

Objetivos Gerais:

A pesquisa tem como escopo a elaboração prática e teórica de uma oficina de expressão corporal baseada em Grotowski em conjunto com as teorias dos instintos de Don Richard Riso e Russ Hudson, autores do eneagrama. A elaboração será baseada na experimentação de uma configuração de oficina que parte do trabalho de expressão corporal e que desemboca em um diagnóstico de forças que nos constituem.

Objetivos Específicos:

- I. Aprofundar e absorver na prática do trabalho de expressão corporal baseado em Grotowski (1987), através de leituras e pela participação no grupo de pesquisa *Produção de subjetividade em dimensões teatrais: Deleuze, Grotowski e educação teatral*, coordenado pelo Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela (DELAC/UFSJ).
- II. Elaborar uma oficina com dinâmicas em diálogo com a urbanidades, sustentabilidade e artes;
- III. Contribuir diretamente para a elaboração de práticas de autoconhecimento configuradas como processos artísticos ou provocadas por eles (ligados a sensibilização da percepção);
- IV. Contribuir com práticas artísticas ligadas a sensibilização e experimentação da percepção como dimensão política;
- V. Intensificar dinâmicas de experimentação na tentativa de desmitificar a nossa identificação com a imagem que mantemos de nós mesmos, como o suporte seguro de nosso comportamento;

- VI. Criar experimentações artísticas que busquem transpor os padrões cristalizados que determinam nossa forma de ser e estar no mundo de maneira consciente e inconsciente;
- VII. Tentar propor resistência através da autocompreensão de mecanismos instintivos distorcidos em nós, que fomentam a selvageria do nosso comportamento capitalista.

1. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS INSTINTOS DO ENEAGRAMA DE DON RICHARD E RUSS HUDSON

O eneagrama dos tipos psicológicos que é apresentado nos dias de hoje parece descender de uma linhagem muito antiga. De acordo com o livro a “Sabedoria do Eneagrama” (2016) dos autores Don Richard Riso e Russ Hudson,

O eneagrama é uma figura geométrica que representa graficamente os nove tipos de personalidade presentes na natureza humana e suas complexas inter-relações. Ele é resultante da evolução da psicologia moderna, que tem suas raízes na sabedoria espiritual de diversas tradições antigas. A palavra eneagrama vem do grego *ennea*, que significa “nove”, e *grammos*, que significa “figura, desenho”; assim, a palavra representa uma “figura de nove pontas” (RISO e HUDSON, 2016, p. 19).

Para esses autores o eneagrama de tipos da personalidade foi constituído a partir de tradições distintas, sendo uma condensação de sabedorias aglutinadas em milhares de anos por cristãos, por sufistas muçulmanos e por judeus da Cabala. Para Helen Palmer (1993) – autora do livro “O eneagrama: compreendendo-se a si mesmo e os outros em sua vida” –, o responsável pela entrada do conhecimento do eneagrama no ocidente foi Armênio George Ivanovich Gurdjieff (1872-1949), pioneiro na adaptação dos ensinamentos espirituais do oriente para o ocidente. Na década de 1970 o filósofo Oscar Ichazo e o psiquiatra Claudio Naranjo aprimoraram o símbolo geométrico do eneagrama para a leitura dinâmica de nossa personalidade com a compreensão das nove fixações que dão origem ao ego, podendo demonstrar com isso os aspectos da essência humana que operam por trás de nossa personalidade.

Todavia, aqui, vamos nos deter na questão relativa aos instintos sem entrarmos nas questões da essência das personalidades dos tipos do eneagrama. Interessa-nos, portanto, a parte que descreve os comportamentos instintivos, para com ela fazer um ponto de partida no qual iremos associá-los, nos demais capítulos, à arte, a sustentabilidade e a urbanidades. Segue, abaixo, os três instintos básicos segundo Riso e Hudson.

FIGURA 1 – Representação dos instintos segundo o eneagrama. Toda pessoa possui os três instintos, mas devido as distorções da personalidade a tendência é sempre termos um desses instintos de modo dominantes, um segundo instinto na faixa média e um terceiro como reprimido.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

O conceito de instintos de Don Richard Riso e Russ Hudson se influencia da biologia, do darwinismo e principalmente da psicanálise. Os pesquisadores chamam de *instinto* o que, em termos de conceito psicanalítico, seria a concepção de energia libidinal, força motriz do nosso comportamento. Logo, os instintos são tidos como a força vital que motiva o comportamento humano apresentam-se em três frentes: social, sexual e autopreservação. Nos dizeres de Riso e Hudson (2016):

As variantes instintivas baseiam-se nos três instintos primários que motivam o comportamento humano: o *Instinto de Autopreservação*, o *Instinto Social* e o *Instinto Sexual*. Assim cada tipo do Eneagrama possui três variantes com base nos três possíveis instintos dominantes (RISO e HUDSON, 2016, p. 81).

Segundo os autores, o instinto atua em nós de maneira distinta da emoção ou do pensamento (Ibid). A energia instintiva atua mobilizando forças presentes no organismo possibilitando uma resposta imediata em relação à aspectos da sobrevivência, seja no contexto sexual, social ou de autopreservação. Os instintos estariam ligados a parte mais primitiva do cérebro humano, chamado de cérebro reptiliano. O neurologista Paul MacLean (1990), em meados dos anos 1970, apresentou a teoria do cérebro trino que, fisiologicamente, apontava 3 camadas distintas que o cérebro humano havia desenvolvido ao longo de sua história. A primeira camada, o chamado cérebro reptiliano, é responsável

por todas as funções fisiológicas e autônomas como a respiração e o funcionamento dos órgãos; as outras duas camadas seriam o sistema límbico e o neo córtex.

Segundo o artigo “Evolução do comportamento humano: Psicologia evolucionista” (2012), dos autores Wallisen Tadashi Hattori e Maria Emília Yamamoto mostra que a proximidade entre psicologia e teoria da evolução nascem com a publicação do livro *A origem das espécies* (1869), de Darwin. A união entre essas duas áreas de pesquisa possibilitou, na atualidade, a consideração de que existem capacidades básicas nos seres humanos que não são só legados culturais, mas são mecanismos psicobiológicos moldados pela evolução. No artigo “Dentro e Fora da Caixa Preta: A Mente sob um Olhar Evolucionista” (2005), Maria Lucia Seidl de Moura concebe:

[...] a existência de uma natureza humana universal, constituída de mecanismos psicológicos, produtos da evolução. Esses mecanismos são adaptações resultantes de um processo de seleção natural ao longo do tempo evolucionário, ou seja, o modo de vida de nossos ancestrais caçadores-coletores da era pleistocena (MOURA, 2005, p.3).

A existência de reações especializadas em resolver determinadas situações, que chamamos neste trabalho de instintos, pressupõe um legado que constituiu o cérebro humano de estruturas que foram moldadas pela evolução. Esses comportamentos realmente essenciais à sobrevivência são pré-programados evolutivamente para responderem conforme os estímulos apropriados de maneira mais rápida possível para que sejam eficientes como proteção à vida. No eneagrama, os instintos assumem atualmente um papel fundamental para a compreensão de nossos comportamentos. O instinto é uma força mobilizadora do organismo com a função de fazê-lo entrar em ação frente a diferentes contextos. Para o eneagrama de Riso e Hudson, o instinto está a serviço da manutenção da vida, mas devido às distorções da personalidade, essa energia instintiva é fracionada em três esferas distintas – *instinto sexual, social e autopreservação*.

Esses instintos são compreendidos como programados para agirem no ambiente e, deste modo, o equilíbrio instintivo é percebido pela sua mobilização frente a demanda deste. Esses instintos, quando saudáveis, agem em contato direto com as condições que o ambiente oferece ao organismo. Para Hattori e Yamamoto (2012):

[...] a psicologia evolucionista entende que os mecanismos psicológicos evoluídos, adaptações subjacentes ao comportamento e desenhadas pela seleção natural, foram selecionados por resolver problemas adaptativos enfrentados por nossos ancestrais que, em última instância, têm influência sobre o sucesso reprodutivo individual. Isso significa que possuímos programas em nosso cérebro para promover a relação entre a informação do

ambiente interno e externo (físico ou social) e o comportamento, o que provavelmente favoreceu a seleção de mecanismos psicológicos específicos para resolução de problemas adaptativos igualmente específicos (HATTORI e YAMAMOTO, 2012, p. 104).

Nossa espécie, portanto, possui uma herança genética que mostra nossa adaptação ao longo da evolução humana. O primeiro registro do homem moderno é proveniente do continente africano há 150 mil anos atrás, segundo Hattori e Yamamoto (2012). A adaptação humana ao longo desses anos produziu os instintos como forma de amparar a vida. Esses instintos podem ser vistos como estratégias inconscientes de sobrevivência segundo o livro “O gene egoísta”, de Richard Dawkins (2007),

Uma "estratégia" é uma política de comportamento pré-programado. Um exemplo de uma estratégia seria: "Ataque o oponente; se ele fugir persiga-o; se ele retaliar fuja". É importante entender que não imaginamos a estratégia como sendo conscientemente planejada pelo indivíduo. Lembre-se que estamos concebendo o animal como uma máquina de sobrevivência robô, possuindo um computador pré-programado que controla os músculos. Escrever a estratégia por extenso como um conjunto de instruções simples em português é apenas uma maneira conveniente de podermos pensar sobre ela. O animal comporta-se como se estivesse seguindo estas instruções, através de algum mecanismo não especificado (DAWKINS, 2007, p. 58).

Essa estratégia do comportamento instintivo foi o que garantiu a perpetuação dos genes e o legado das espécies. Tais estratégias primitivas continuam atuando sobre os seres humanos se adaptando as diversas demandas da vida. Um exemplo de como agem esses comportamentos instintivos em nosso contexto atual é quando perdemos o emprego. A perda do emprego é uma área da vida que está relacionada a disponibilidade de recursos para a sobrevivência, nesse sentido nosso instinto de autopreservação, quando saudável, desperta para mobilizar energia para cuidar desta área da vida. Neste caso não há problema algum, o imbróglie se encontra quando de fato não há nenhuma ameaça em relação aos recursos disponíveis, mas acabamos agindo como se houvesse. Isto é uma distorção instintiva que leva a comportamentos excessivos como o acúmulo de recursos sem uma real necessidade. Ou, ao contrário, quando perdemos o emprego e não há mobilização nenhuma de forças para aquela área da vida. No primeiro caso trata-se do instinto de autopreservação saudável agindo conforme o contexto. Já nos dois últimos exemplos, o instinto de autopreservação estaria atuando de maneira distorcida. Logo, podemos fazer uma espécie de diagnóstico sobre as intensidades de forças que em grande parte das vezes agem inconscientemente determinando nosso comportamento. Enquanto estivermos conectados com o ambiente através de distorções instintivas criadas a partir

de um medo básico, não há possibilidade de abrimo-nos afetivamente, de tornarmo-nos mais conscientes e abertos para experiência da vida.

Partindo das especificidades das configurações instintivas de Riso e Hudson, podemos olhar para toda a espécie humana e ao mesmo tempo para cada indivíduo e fazer um diagnóstico que demonstra a tendência de certos padrões reativos adotados; pois, para estes teóricos os instintos se configuram em cada um de nós de maneira singular. Todos nós possuímos os três instintos, mas a forma que eles se configuram é diferente em cada um. Quer dizer que temos três posições em que esses instintos se apresentam em nós: a primeira posição é quando um dos três instintos se apresenta com mais força e chama-se *instinto dominante*; depois do dominante, temos a faixa média que também apresenta uma manifestação dessas três possibilidades instintivas, com uma tendência a ser o instinto energeticamente mais equilibrado; e, por último, fica a posição instintiva chamada *de instinto reprimido* que apresenta menos força no indivíduo. Com isso, o mesmo instinto não se repete em nós, o que muda é a força com que cada um se manifesta. Assim, gera-se a possibilidade de cada pessoa possuir uma das seis diferentes configurações instintivas, permitindo uma maior precisão e compreensão de como essas forças agem e com que potência se manifestam.

Qual a importância desses instintos? Segundo Riso e Hudson (2016) a distorção dos instintos acarreta na distorção da realidade, pois a primeira apreensão que fazemos como leitura da realidade quando chegamos em determinado ambiente inconscientemente está relacionada a nossa sobrevivência instintiva. O modo como agimos em relação a nossa sobrevivência está diretamente em contato com o instinto dominante. Reagimos, antes de mais nada, de acordo com a sobrevivência que pode ser tanto no âmbito *social*, *sexual* ou *autopreservacional*. Assim, estamos quase sempre em contato com o ambiente e com o mundo, de maneira geral, sobre a ótica do instinto dominante e de suas distorções; ou seja, estamos quase sempre reagindo segundo medos inconscientes ligados a sobrevivência. A título de ilustração: uma pessoa que é *instinto social* dominante tende a agir compulsivamente pela sua sobrevivência social, indiferente se o contexto vivido realmente apresenta perigo a essa esfera da vida. Desta forma, uma pessoa cujo *instinto social* é dominante quase sempre estará mobilizando sua percepção e comportamento para detectar no ambiente qualquer traço de hostilidade para com sua imagem perante o grupo, sem necessariamente essa imagem correr perigo. Isso é um fator de

condicionamento acarretado por um medo que faz a pessoa reagir pela sua sobrevivência social.

Uma das formas que podemos compreender as distorções desses instintos que comprometem o equilíbrio da nossa espécie com o seu meio pode ser averiguada no documentário britânico “The Century of the Self” de (2002), esse documentário mostra como as ideias de Sigmund Freud sobre o inconsciente foram apropriadas pelo seu sobrinho Edward Bernays e pelos meios propagandísticos com o intuito de manipulação das massas. Grandes corporações recorreram a essa nova forma de propaganda que atuava basicamente em duas frentes. A primeira explora a necessidade pessoal de aceitação perante o grupo ou nação. E a segunda forma de manipulação consiste em explorar a individualidade como lugar de investimento para se destacar do grupo. Esses mecanismos básicos de sobrevivência instintiva se ligam diretamente aos nossos engajamentos ideológicos que, em grande parte, se encontram inconscientemente subordinados às distorções ocasionadas por forças instintivas ligadas à nossa sobrevivência. Não nos damos conta que boa parte de nossas concepções ideológicas se ligam intimamente com nossos maiores medos relacionados a nossa sobrevivência em uma das três esferas instintivas, distorcendo, assim, até nossa capacidade de análise lógica. Por se tratar de um medo básico, é difícil nos tornarmos conscientes desta força instintiva, comprometendo nossa capacidade de distinção entre um real perigo eminente e nossa incessante necessidade de saciarmos um instinto dominante que se encontra distorcido, o que nos deixa bastante vulneráveis as manipulações ideológicas promovidas em nossa atual globalização apontadas por Milton Santos (2000).

1.1 O COMPORTAMENTO GLOBALIZADO DA NOSSA ESPÉCIE URBANA

Começamos com uma observação da tão proclamada globalização para a compreensão das ações que esta pesquisa elabora. Milton Santos, em “Por uma outra Globalização” (2000), nos fornece um panorama lúcido das reais consequências da globalização. Nesse livro deparamo-nos com três possibilidades de percepção deste fenômeno.

Primeiramente Milton Santos nos atenta para o fato da globalização se mostrar para nós enquanto fábula quando esta promete que podemos explorar o mundo livremente como se nunca fosse possível exaurir seus recursos, podendo assim explorar e modificar os espaços para nosso bel prazer e conforto. Além disso, a globalização estabelece um apelo à padronização cultural e à homogeneização de produtos e serviços que ganham status globalizados e se ligam a ideia de felicidade. Essa fábula se materializa pela dominação da informação pelos meios de comunicação que efetivam uma homogeneização ideológica para a propagação e manutenção do poder das grandes corporações. No livro “O Imaterial Conhecimento, Valor e Capital”, de André Gorz (2005), encontramos uma boa descrição sobre a disputa das empresas pelo monopólio do mercado travadas nas campanhas publicitárias. Segundo André Gorz (2005):

Com investimentos em inovação e campanhas publicitárias de alto custo, toda empresa ambiciona chegar antes das outras à consolidação de uma posição monopolista. Marketing e propagandas fabricam valores simbólicos, estéticos e sociais. Ligados às inovações, tornam obsoletos os produtos existentes, e conseguem para a empresa um mercado que durante algum tempo é protegido contra a concorrência de outras empresas. Sempre se trata de transformar a abundância “ameaçadora” em uma nova forma de escassez, e com esse objetivo conferir às mercadorias o valor incomparável, imensurável, particular e único de obras de arte, que não possuem equivalente e podem ser postas à venda a preços exorbitantes (GORZ, 2005, p.11).

Dessa forma, a ideologia insere-se nas mercadorias se materializando como coisa, quando os produtos não são mais comprados pela sua finalidade causal, mas sim pelas promessas de status social que o produto oferece e que o extrapola em sua materialidade. O bombardeio de propagandas falaciosas apoiadas em um imaginário social esperançoso acaba por efetivar um culto ao consumo que atende aos interesses das grandes empresas. Para Bauman, em seu livro “Modernidade Líquida” (2001), a individualidade na *modernidade líquida* é uma busca exacerbada em que vale tudo para alcançar ser aquilo que a sociedade demanda. As pessoas se tornam escravas de uma ideologia consumista tentando obter mais felicidade à custa de produtos e serviços que irão mudar sua vida

conforme o mercado determina. Para López-Ruiz (2007), em seu livro “Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo: capital humano e empreendedorismo como valores sociais”, o sujeito, na atualidade, passa a olhar para si mesmo como mercadoria, introjetando em sua própria constituição os modos do “capital humano” administrando a própria vida como uma empresa. Segundo López-Ruiz (2007):

A ciência econômica, nesse caso, não cria só uma teoria sobre a economia; cria um repertório de interpretação que nos permite pensar e pensar-nos de maneira tal que não nos resulte repulsiva a imagem do humano como riqueza – como o havia sido em tempos de J. S. Mill. A partir de seus postulados ‘cientificamente verificáveis’, o humano passa a ser entendido como uma forma de capital e, portanto, o “capital humano” e tudo o que se faça para incrementá-lo é investido de um valor positivo: cada pessoa deve – porque é economicamente conveniente, mas também porque é ‘moralmente bom’ – aumentar suas habilidades, competências e destrezas a partir de ‘investimentos’ constantes (LÓPEZ-RUIZ, 2007, p. 62).

Nessa afirmação o ato de consumo fica mais sério, pois não basta só consumir mercadorias, é preciso nos constituirmos como mercadoria. A percepção de si como mercadoria é uma adesão do indivíduo em administrar a vida em cálculos e investimentos; a vida deixa de ser um fim para ser um meio de investimento pessoal para ser vendida ao mercado. A ideologia capitalista vigora quando o indivíduo passa a negociar a vida em termos de recurso capital. O investimento pessoal na carreira profissional e em outros seguimentos cria o auto escravo, quando o sujeito usa a vida para a busca de especializações para oferecê-las ao mercado competitivo.

Na segunda face da globalização, Milton Santos (2000) apresenta a globalização perversa, ou seja, o mundo como realmente é: a desigualdade crescente, a exploração dos países subdesenvolvidos, a fome, as doenças, o analfabetismo, a criminalidade, a concentração de renda para uma camada cada vez menor da população, o crescente desemprego, os escândalos das grandes corporações em lavagens de dinheiro e sonegação de impostos. Enfim, temos inúmeros exemplos desses processos catastróficos que, segundo Santos (2000), estariam ligados diretamente à globalização.

Em síntese, o autor nos apresenta o mundo como pode ser – uma outra globalização – ao lançar a possibilidade de nos valermos de outros valores (não só financeiros) para podermos dar vazão à multiplicidade cultural que existe no globo (Ibid.). A globalização se tornaria uma miscigenação cultural capaz de nos influenciar com as infinitudes de povos, crenças, comportamentos, gostos e valores que ampliariam nossa compreensão de mundo de modo a humanizar nossas relações. Esse olhar otimista

enxerga nas cidades focos de resistências, espaços onde a cultura popular se opõe à cultura midiática através da solidariedade, da luta contra a desigualdade. Esses espaços seriam os propulsores de uma nova filosofia com valores pautados na alteridade e na cidadania, rompendo com a supremacia dos valores mercantilistas.

Vamos nos deter nessa reflexão ao que esse autor faz do fenômeno “globalização” em um corte proposital a partir de uma importante constatação, feita por Milton Santos, sobre dois comportamentos muito recorrentes na globalização: **individualismo** e a **competitividade**. Esses dois comportamentos tão presentes na globalização podem ser diagnosticados em nossa espécie sobre o olhar da teoria dos instintos de Riso e Hudson como proposto no começo do texto. A competitividade e o individualismo são as expressões mais característica e sedimentadas em nossa atual sociedade, de modo que podemos dizer que há uma maior incidência do *instinto de autopreservação* (relativo ao individualismo) e do *instinto sexual* (relativo a competitividade).

Nessa visão macro da nossa espécie o *instinto social* teria menos expressividade, pois estaria ligado ao contexto comunitário, a comunicação e a sobrevivência grupal. Parafraçando Riso e Hudson (2016 p.83), o homem se deu conta que, sem colaboração e parcerias, ele não conseguiria sobreviver no meio selvagem, pois – diferente de outros animais – não possuía garra, veneno, carapaça e/ou outra habilidade de que lhe fornecesse alguma garantia. Com isso o *instinto social* surge como amparo sofisticado para somar forças em conjunto a serviço da vida. Entretanto, atualmente, estamos muito mais aptos à disputa pelo bem individual do que a cooperação para o bem comunitário. Com isso, nossas forças individuais não buscam um bem comum, mas a salvação individual culminando em uma segregação cada vez maior do espaço e das interações entre pessoas.

Quero apontar que a individualidade e competitividade do interesse econômico é um reflexo da distorção desses instintos em nossa espécie. Pois se uma grande corporação tem suas ações voltadas para a manutenção do seu poder e essas ações estão ligadas a morte de pessoas e a destruição do ecossistema, podemos concluir que se tratam de práticas que não visam o bem-estar social. São práticas totalmente competitivas e individualistas e através da teoria dos instintos podemos conjecturar de onde surgem as bases desse comportamento anômalo e doente. O sistema capitalista foi produzido pela nossa espécie para a sua organização. O sistema é fruto da sociedade e a sociedade, por sua vez, é fruto de nossas relações. O que há de errado com as relações que mantemos

com nós mesmos e com os outros? No próximo tópico do texto tentaremos reconhecer alguns desses comportamentos competitivos e individualistas que estão na base do capitalismo e como, progressivamente, ele vem se entranhando cada vez mais em nossa sociedade. Para demonstrar isso, este trabalho propõe uma observação e análise de um bairro da cidade de São João del-Rei.

1.2 COMPETITIVIDADE E INDIVIDUALISMO URBANO (ESTUDO DE CASO DO BAIRRO BELA VISTA)

Os comportamentos de competitividade e individualismo típicos do capitalismo apontados por Milton Santos (2000) podem ser identificados à partir da teoria dos instintos de Don Richard Riso e Russ Hudson observando-se a relação que as pessoas estabelecem com suas residências no que tange ao modo como se transformam as construções. É possível realizar uma espécie de diagnóstico da nossa espécie a partir da análise de quais instintos são predominantes na arquitetura ao analisar o bairro onde moro – Bela Vista, situado na cidade de São João del-Rei/MG. Segue, abaixo, o mapa do bairro:

IMAGEM 2 – Mapa do bairro Bela Vista - São João del-Rei/MG.



Fonte: Google maps (2017)

O bairro Bela Vista fica na região próxima ao Campus Dom Bosco da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), a rua Dom Silvério que aparece no mapa pertence ao bairro Dom Bosco. O bairro Bela Vista foi escolhido primeiramente pela minha vivência nele, por eu residir há mais de três anos ali e perceber um forte

contraste em relação às configurações das casas desse bairro relacionados a segurança das mesmas. Durante o tempo em que residi neste bairro, habitava uma casa de muro baixo e sem grades nas janelas. No decorrer de três anos morando nesta casa que não possuía nenhum aporte de segurança, nunca vivenciei nenhum tipo de violência ou furto. Nem mesmo ouvi algum relato que fizesse referência a esse tipo de situação. Nesse sentido, foi justamente a minha familiaridade com bairro que me levou a defini-lo como critério para sua escolha.

Em um período de 3 anos que resido nesse bairro pude observar como as casas estão se transformando num ritmo crescente em direção a uma determinada configuração que prioriza a segurança. O acoplamento de grades, interfonos, câmeras, cercas elétricas corroboram em uma visão de mundo na qual as pessoas estão sentindo que precisam se proteger e se resguardar de ameaças eminentes.

Os nossos comportamentos influenciam os espaços e sendo as cidades os lugares de trocas e resistências, segundo David Harvey (2004), podemos fazer um diagnóstico do bairro Bela Vista para averiguarmos os comportamentos que estão impedindo as trocas e comunicações entre seus moradores. Nas duas primeiras imagens (Figuras 3 e 4) vemos as casas mais antigas do bairro que não passaram por reformas, conservando as características de origem. A característica fundamental que observamos nessas duas primeiras casas são suas aberturas de comunicação com a rua que podem ser interpretadas a partir da predominância do *instinto de preservação social*, já que sua principal característica é a comunicabilidade.

FIGURA 3 – Casa do bairro Bela Vista localizada na rua Irmão Moreira, esta representa o instinto social dominante pela sua configuração de comunicação aberta. Não há grades nem muros que impeçam o contato com a rua.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

A característica mais emblemática dessas residências é o fato delas se comunicarem amplamente com a rua. Há uma comunicação direta com o que acontece no bairro, pois a abertura da casa permite uma troca de informações mais efetiva entre a casa e o bairro, já que essa conecta suas aberturas diretamente com a comunidade, dinamizando e atualizando a comunicação constantemente.

FIGURA 4 – Casa do bairro Bela Vista localizada na rua Bárbara Heliadora: as janelas não possuem grades de segurança. A comunicação entre a calçada e a rua é facilitada. Não se percebe intimidação em sua configuração, pois não há grades, não há muros, não há cercas.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

As próximas casas (Figuras 5 e 6) são casas que sofreram reformas recentes e mostram uma configuração arquitetônica que inviabiliza a comunicação com a rua. As saídas dessas casas são obstruídas por barreiras físicas, ou seja, há grades, câmeras e cercas elétricas que demonstram um comportamento que pode ser entendido a partir da concepção do *instinto de autopreservação* e *preservação sexual*. Observa-se que ambas as casas nas Figuras 5 e 6 estão ligadas ao comportamento de individualismo e isolamento (*instinto de autopreservação*), como também à força e à competição (*instinto sexual*).

FIGURA 5 – Casa do bairro Bela Vista localizada na rua Belizário Leite: nessa configuração é possível perceber grades que impedem o contato com a rua, suscitando uma intimidação e desconfiança para quem passa a sua frente. É possível detectarmos a predominância do instinto de autopreservação e do sexual pela segurança privada e a demarcação do território.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

FIGURA 6 – Casa localizada na rua Alexina Pinto: a predominância de grades revela uma necessidade de autopreservação. Há câmeras de segurança que intimidam e violam o espaço público em nome da segurança privada, coagindo uma possível ameaça que venha de fora ao mesmo tempo em que se fecha para o contato social.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

Em “A produção do espaço”, de Henri Lefebvre (2006), a dimensão social do espaço é sufocada na produção capitalista do espaço, pois este tende a operar na paisagem com a máxima obtenção de lucros, reduzindo o espaço a um produto. Deste modo, o espaço é modulado de acordo com o interesse de quem o possui, o ocupa ou o utiliza. Quando produzido sob o viés capitalista que, como nos disse Milton Santos, tem como valores o individualismo e a competitividade, o espaço produzido é um espaço ocupado pelos *instintos de autopreservação e sexual* que, distorcidos como o são no capitalismo, reforçam as noções de território, posse e poder e reprimem noções de coletividade e comunidade provenientes do *instinto social*. Com isso, a grande parte da atual produção do espaço nega essa dimensão social do espaço, fator ligado às interações sociais e às trocas, bem como também à produção de valores compartilhados.

As últimas configurações arquitetônicas (Figuras 5 e 6) podem ser avaliadas utilizando-se o modelo do panóptico que se constitui como uma configuração arquitetônica voltada para exercer o poder e controle através de uma disposição arquitetônica em que as saídas das construções se voltam para dentro de si própria; no caso das imagens em análise acima, a torre de vigia é substituída pelas câmeras de segurança que vigiam em segredo. É possível deduzir que no interior de tais casas encontramos um aparato tecnológico que garante a seus moradores o contato com o mundo: uma tv que substitui as janelas, acesso à internet, dispositivos celulares acoplados constantemente aos usuários e uma troca social reduzida somente aos integrantes daquela casa. As trocas de informações e interações são, em sua maioria, feitas predominantemente através da mídia. Assim, temos as condições ideais para avivar o mito platônico da caverna¹ o qual, aqui, as pessoas ficam expostas e vulneráveis as deturpações tendenciosas das informações editadas no complexo midiático que está a serviço das grandes corporações. Logo, o confinamento das pessoas diante dos reflexos do fundo da caverna passa a nortear a concepção de mundo das mesmas.

Tais distorções acarretam modificações tanto no comportamento humano quanto nas imagens e objetos projetados dele. Olhando essas casa que são objetos oriundos da construções e modificações que partem do olhar humano, vemos o quanto essas alterações arquitetônicas e tecnológicas nas residências nos ajudam a entender com quais instintos nossa sociedade vem, amplamente, constituindo a si e a seus objetos; ou melhor, produtos.

¹ Cf. PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2000.

Para David Harvey (2004), a produção capitalista do espaço precisa ser combatida pela luta de classes para que esta garanta a existência de interesses coletivos. Tanto ele quanto Milton Santos tratam da questão da globalização perversa e seus desdobramentos. Observam que o individualismo e a competição presentes em nossa atualidade impedem que os indivíduos se unam para uma causa comum de bem-estar social na qual rompam as bases meritocráticas do capitalismo. O indivíduo tomado pela ideologia capitalista acredita ser responsável pelos desdobramentos de sua vida independentemente das condições desiguais das quais cada um é oriundo. Essas operações ideológicas produzidas no indivíduo fazem parte da manutenção do sistema capitalista que surge dessas distorções instintivas e que para permanecer vigorando precisa passar a produzir modos de vidas competitivos e individualistas.

A conclusão geral a que chego é que o instinto mais reprimido no ser humano, produzido amplamente pelos modos de operação subjetiva que o capitalismo oferece, é o *instinto social* em seu aspecto saudável. Por isso, a proposta desse trabalho versa sobre um trabalho de expressão corporal que traga à tona ao sujeito o desvelamento desses modos em que operamos inconscientemente, fazendo-se necessário como uma possibilidade de influenciar transformações pessoais a partir do equilíbrio dos instintos em prol da produção de uma sociedade mais harmônica.

Na próxima parte do texto apontarei outros seguimentos da ideologia globalizada que se insinua de maneira competitiva e individualista.

1.3 A IDEOLOGIA DE UMA SUSTENTABILIDADE EQUIVOCADA

Depois de um breve olhar da disposição arquitetônica sob a ótica dos instintos de Riso e Hudson vamos detectar nesse tópico como essas distorções instintivas se fazem presentes nas questões relativas a sustentabilidade.

É bastante comum na atualidade a apropriação do conceito de sustentabilidade de forma distorcida pelas grandes corporações, de maneira a inserir em seus produtos algumas características que levem o consumidor a achar que está contribuindo para o meio ambiente ao adquiri-lo. Essas distorções ideológicas referentes a sustentabilidade estão ligadas aos comportamentos de competição e individualismo (*instintos sexual e autopreservação*) que são a base do mercado neoliberal. Um exemplo disso é quando

grandes corporações adotam em suas campanhas milionárias a tentativa de incorporar no produto o conceito de sustentabilidade usando-se, por exemplo, de papel reciclado em suas embalagens e, assim, em alguma medida se isenta da responsabilidade do descarte deste produto e passa-o ao consumidor. Grandes corporações se apropriam do conceito de sustentabilidade e passam a ideia de que o processo de feitura de seus produtos, desde a retirada da matéria prima até o tratamento dos resíduos, é realizado de maneira segura e ecológica. Porém, o que vemos é que grande parte das corporações não estão de fato atentas a questões verdadeiras da sustentabilidade, mas sim se apropriando de forma distorcida de maneira a atender seu real interesse que é fazer frente a ampla competição do mercado.

A ideia de sustentabilidade, divulgada amplamente em nossa estrutura social, através de campanhas publicitárias de cunho ideológico e oportunista vem deturpando os verdadeiros princípios da sustentabilidade. Tais princípios, em termos de conteúdo, se ligam à justiça social, à diversidade cultural e a ecológica, segundo Sacha Kagan (2008).

Um escândalo recente referente a essas ações distorcidas da sustentabilidade revela a falsidade dessas corporações quando na compra do produto já está embutido uma espécie de redenção em relação a desigualdade social. O produto alega que parte da arrecadação das vendas será destinada a instituições de caridade, por exemplo. Ou ainda quando o rótulo do produto faz propaganda de sustentabilidade ao garantir recompensar os problemas que enfrentamos com a desigualdade social. Porém, as propagandas dessas grandes marcas não condizem com a realidade. Em março de 2012, o site do Jornal Sul21² publicou que os trabalhadores de filiais das empresas Nike, Puma e Adidas em Bangladesh estariam sofrendo agressões e trabalhando acima da jornada permitida por lei. É interessante perceber o que Bangladesh tem que atraem essas grandes marcas. Trata-se de um país subdesenvolvido do continente asiático, cuja situação social é de extrema vulnerabilidade, com baixas expectativas que criam a atmosfera perfeita para a exploração pelas multinacionais. A grande contradição é que todas essas marcas referidas já usaram estratégias de vendas baseadas no apelo de que parte do dinheiro embutido na mercadoria será revertido para instituições beneficentes ou mesmo para países pobres.

² Para mais informações, acesse:
<https://www.sul21.com.br/jornal/funcionarios-de-nike-adidas-e-puma-denunciam-agressoes-em-bangladesh/>

Em meio a essas explorações, a bandeira da sustentabilidade pode funcionar como forma de amenizar as atrocidades de uma competitividade selvagem do mercado. Assim, o que vemos é o uso do conceito de sustentabilidade a serviço da manutenção de uma elite no poder, ao invés de uma sustentabilidade voltada para a diversidade social e o bem comum. Encontramos um monopólio ideológico financiado por grandes corporações que não se comunica com a diversidade cultural existente. No artigo “The Cultural Dimension of Sustainability”, Davide Brocchi (2008), afirma a importância da diversidade cultural para comunicar valores ou conhecimentos produzidos em todo corpo social sem excluir as periferias em diálogo constante das pessoas com o seu meio. Essa redução artificial da nossa complexidade cultural impede que outras respostas sustentáveis criadas pela produção de conhecimento advinda de todas as classes sociais ganhem espaço para um amadurecimento político social. Nossa crise ambiental, política e social é, antes também, uma crise cultural. Enquanto produzirmos exclusão social, não poderemos desenvolver uma resposta sustentável que parta da integridade social. Para Brocchi (2008), uma resposta sustentável deve contemplar a justiça social, a paz, a democracia, a auto-suficiência, a ecologia e a qualidade de vida – o que é bem diferente da sustentabilidade promovida ideologicamente e que atende interesses econômicos de uma minoria, sobretudo por corporações que detém grande parte do poder econômico.

1.4 ARTE ALIENADA

Depois de olharmos o comportamento de individualismo e de competitividade como instintos distorcidos na modalidade urbana e sustentável, irei agora observar como essa distorção se dá no campo artístico.

A arte é muitas vezes associada a criatividade, liberdade e sensibilidade. A arte trata da capacidade de apreendermos a realidade de forma diferenciada. Entretanto, o que grande parte da sociedade consome como referencial artístico está mais voltado para o entretenimento do que para reflexão de mundo. Aqui, refero-me ao que chamam de arte, divulgada pelos grandes canais midiáticos. Nessa grande mídia podemos enumerar uma lista de artistas cuja validade é de menos de 6 meses de duração. Tais artistas representam o entretenimento nocivo, já que a representatividade desses artistas mobiliza uma grande parte da sociedade, alcançando um grande impacto social, bem como promovendo uma alienação por representarem o senso comum. Isso acaba por reforçar estereótipos rasos

que produzem alienação social, já que tais artistas não se mobilizam de forma responsável para reflexões críticas dos reais problemas sociais e ecológico que enfrentamos.

Temos também, atualmente, um outro seguimento artístico que vem atingindo um enorme sucesso midiático – os seriados norte-americanos em geral – atendem cada vez mais públicos de todas as idades. Esses seriados trazem mais que o simples entretenimento, eles trazem uma ideologia e um modo de vida pautado no imperialismo norte-americano que efetivam no imaginário coletivo bens e serviços, que são introjetados culturalmente e que promovem uma globalização hegemônica ligada às grandes corporações. Um dos efeitos disso é um empobrecimento cultural, já que assimilamos uma falsa globalização propagadora de uma dimensão cultural fabricada por interesses econômicos. O resultado disso, por exemplo, é que, cada vez mais, uma minoria de brasileiros sabe o que é um acarajé (patrimônio imaterial brasileiro), enquanto uma esmagadora maioria de brasileiros sabem o que é um Big Mac.

Portanto, é possível perceber no mecanismo global capitalista uma produção cultural influenciada, também, pelos instintos distorcidos. Ou seja, quando uma lógica de mercado individualista e competitivo produz e patrocina a massificação artística, para influenciar a alienação cultural em uma estratégia comercial. Nesse contexto artístico massificado, a arte é usada como manutenção do poder; uma arte que não questiona, mas sim reforça as categorias e os modos de vida determinados pelo interesse econômico de grandes corporações. Essa arte alienada caminha na contramão das propostas de arte que estão ligadas à emancipação do homem. Se pegarmos alguns livros como “A obra aberta”, de Umberto Eco (1968), e “A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução”, de Walter Benjamin (1975) ou estudos mais recentes como “O espectador emancipado”, de Jacques Rancière (2012), esses autores alegam a potência do campo artístico como lugar de transformação e produção de conhecimentos. Além disso, percebem a estética como lugar da emancipação do homem frente ao que está instituído – a ruptura proposta pelas vanguardas artísticas. Uma arte ligada à experimentação da percepção como dimensão política ao invés de uma arte ligada à moral edificante que reforça as categorias determinadas por interesses econômicos de grandes corporações.

No próximo capítulo demonstrarei como foi elaborado uma prática que tenta dialogar com os temas abordados até o presente momento, mas com uma outra concepção política.

2. O TRABALHO DE CAMPO NO GRUPO DE PESQUISA “PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE EM DIMENSÕES TEATRAIS: DELEUZE, GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL”

Aqui, demonstrarei onde minha pesquisa buscou bases para elaborar uma proposta prática em diálogo com artes, urbanidades e sustentabilidade. Nesse sentido, esse capítulo descreve o começo da pesquisa empírica no trabalho do ator.

Vejo no trabalho de expressão corporal do ator um lugar possível de acolhimento das forças que nos constituem, a atmosfera de trabalho do ator me instiga a ter confiança para abordar o indivíduo como um campo de forças. Essa abordagem tenta abranger a totalidade das potencialidades humanas (racionais, emocionais e instintivas), pois a pretensão do referido trabalho é a elaboração de uma prática que busca intensificar essas forças. Ubiratan D’Ambrosio, em seu texto “A transdisciplinariedade como resposta a sustentabilidade” (2009), afirma que existe uma urgente necessidade de desencaixotarmos a produção de saberes, para que haja maior integralização entre os conhecimentos. Para Ubiratan, ao longo da história houve uma separação das múltiplas ordens de percepção humana: a racionalização pertencia às ciências exatas, o sensorial se ligava ao empirismo, a intuição servia às artes e ao misticismo, e as emoções pertenciam ao âmbito da religião. Com a segregação dessas capacidades de produção do conhecimento humano não seremos capazes de responder de maneira sustentável aos desafios que enfrentamos. Sendo assim, essa pesquisa escolheu o fazer teatral para embasar sua proposta prática devido as múltiplas ordens de percepção que este trabalha.

As ações referentes ao desenvolvimento da sensibilidade encontradas na arte do ator propiciam a percepção do sujeito consigo mesmo acarretando transformações pessoais que tangem uma tomada de consciência através das experiências contidas nas relações sensíveis. Estas são, justamente, as responsáveis pela emancipação do teatro como pedagogia de transformação devido às especificidades do trabalho do ator (ICLE, 2010).

Gilberto Icle (2010), em seu livro “Pedagogia Teatral Como Cuidado de Si”, afirma:

Da situação pedagógica teatral, do laboratório de investigação, dessa situação privada, na qual, geralmente, um grupo pequeno de pessoas se debruça sobre o processo criativo e, ainda, sobre os instrumentos necessários para fazer desse

processo um procedimento eficaz, emanam conhecimentos teatrais que historicamente possibilitaram a emergência do que chamamos de pedagogia teatral, ainda que originalmente suas pretensões iniciais fossem a melhoria do espetáculo (ICLE, 2010, p. 28).

Sendo assim, o trabalho de ator é um campo fecundo para trabalharmos questões relativas a uma autossensibilização, um lugar de ampliação perceptiva e, por isso, o porquê da presente pesquisa fazer do trabalho de ator o ponto de partida para elaborar sua proposta prática voltada para o autoconhecimento. E, para a elaboração de práticas em conformidade com um processo artístico ligado a transformação de si, eu participei ativamente do grupo de pesquisa sobre educação teatral baseado nos escritos do diretor teatral polonês Jerzy Grotowski. Coordenado pelo prof. Doutor André Luiz Lopez Magela, o grupo tem suas atividades na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). A experiência encontrada nesse grupo possibilitou uma catalogação de preceitos e dinâmicas que, posteriormente, fundamentaram a elaboração de uma proposta prática voltada para o autoconhecimento. Tais preceitos vão desde as condições do local de trabalho (espaço físico) até os rigores necessários à condução das práticas ligadas a ampliação da percepção. Essas condições asseguram aos integrantes do grupo uma ética de confiança e integridade na condução do trabalho, visando a segurança das partes envolvidas.

2.1 DESCRIÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA EM DELEUZE, GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL E ANOTAÇÕES DE CAMPO

O grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Dr. André Luiz Lopes Magela tem como foco o ensino do teatro em escolas da rede pública, ancorado nos conceitos de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jerzy Grotowski. Os integrantes participam ativamente de um trabalho de educação teatral que abrange o sentido de uma experiência teatral da vida, a partir de reflexões e práticas laboratoriais em diálogo com as subjetivações produzidas pelas nossas experiências em dinâmicas teatrais conectadas a nossas atuações em vida. Para facilitar a compreensão do que trabalhamos em grupo, a título de ilustração, farei uma breve descrição de quem é Grotowski e alguns de seus principais conceitos.

Vanguardista das artes dramáticas com propostas experimentais inovadoras, Jerzy Grotowski foi um diretor de teatro polonês e um dos principais nomes no teatro do século

XX. O material mais difundido sobre suas ideias é o livro “Em busca do teatro Pobre” (1971) que constitui, além de sua relevância teórica, como o material mais difundido sobre suas ideias, sobretudo na defesa de um trabalho que se volte para o psicofísico do ator, no intuito de retirar artifícios cênicos não essenciais. Este tipo de trabalho psicofísico se ampara na concepção de que subjetividade e fisicalidade são intrínsecas uma a outra, não separando o corpo da mente. Há uma integração entre a carne e o psiquismo de tal modo que Grotowski (1987) designa-o de “ato total”.

A parte que mais interessa ao grupo de pesquisa *Grotowski Deleuze Educação* são as pesquisas iniciadas por Grotowski no começo dos anos 1960. Nessa época, o diretor se aprofunda no trabalho de ator, formulando importantes conceitos como *psicofísico*, *auto penetração* e *organicidade*. Todos estes conceitos voltam-se para a nossa capacidade de ampliação da consciência mediante a retirada de nossas máscaras cotidianas. De maneira geral, a retirada da máscara está ligada a capacidade de sensibilizarmos nossa apreensão de mundo, de forma que nossa postura cotidiana normativa e homogeneizada possa ser modificada.

O conceito *psicofísico*, no interior da compreensão de Grotowski, está conectado a tentativa de rompermos com as barreiras artificiais e dicotômicas entre instinto e intelecto, entre emoção e pensamento para alcançarmos uma ação total não fragmentada.

Para Grotowski, o conceito de *auto penetração* está ligado a capacidade do indivíduo de penetrar em sua própria natureza humana, penetração que revela o que há de mais tenebroso e de mais íntimo no indivíduo. Já o conceito de *organicidade*, por sua vez, está relacionado a capacidade do corpo de se integrar aos processos psíquicos, biológicos e instintivos em sua ação.

Para Jerzy Grotowski, as ações que integram corpo e mente eram chamadas por ele de *psicofísicas*, e tais ações precisam vir à tona para transfigurar a imagem que mantemos de nós mesmos estruturada socialmente, para termos acesso a essas verdades íntimas. Essas revelações das nossas verdadeiras motivações, quando vem à tona mobilizam uma nova forma de ser e de estar no mundo. Para Grotowski (1971), o trabalho de ator era:

[...] a técnica de penetração psíquica do ator. Ele deve aprender a usar o papel como se fosse o bisturi de um cirurgião, para dissecar. Não se trata do problema de retratar-se em certas circunstâncias dadas, ou de “viver” um papel; nem isso impõe um tipo de representação comum ao teatro épico e baseado num cálculo

frio. O fato importante é o uso do papel como trampolim, um instrumento pelo qual se estuda o que está oculto pela nossa máscara cotidiana – a parte mais íntima da nossa personalidade – a fim de sacrificá-la e expô-la. (GROTOWSKI. 1971, p.22).

Esse estado de revelação íntima é o autoconhecimento capaz de romper com as velhas posturas e hábitos cotidianos. Grotowski buscou em suas pesquisas sobre ações físicas não só técnicas de expressões corporais, mas modos capazes de instituir no ator a organicidade anterior aos bloqueios. Segundo Thomas Richards (2014) organicidade para Grotowski era:

A organicidade está relacionada ao *aspecto-criança*. A criança é quase sempre orgânica. Tem-se mais organicidade quando se é jovem, menos quando se envelhece. Evidentemente, é possível prolongar a vida da organicidade lutando contra os hábitos adquiridos, contra o treinamento da vida cotidiana, rompendo, eliminando os clichês de comportamentos e, antes da reação complexa, retornando à reação primária. (RICHARDS. 2014, p.74).

Sendo assim, a presente pesquisa busca a organicidade relacionada a retirada de bloqueios psicofísicos apontadas por Grotowski em sua pesquisa de trabalho de ator. Para elaborar uma proposta que incorpore partes desses fundamentos na tentativa de efetivar uma oficina que trabalhe a expressão corporal como autoconhecimento na produção de novos modos de vida.

2.2 CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO DA PRÁTICA: O PRIMEIRO PRECEITO CATALOGADO NO GRUPO DE PESQUISA DELEUZE GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL

Os preceitos que serão demonstrados a seguir foram catalogados em um diário de campo, partindo da minha participação voluntária no grupo de pesquisa *Deleuze Grotowski e educação teatral*. Pretendo, portanto, demonstrar que esses preceitos são vivenciados de forma mais prática que teórica. Sendo esta uma característica específica na condução dos trabalhos deste grupo. Vale, também, ressaltar: esse relato faz parte de uma imersão prático-reflexiva que contava com cerca de 10 voluntários com frequência comprovada e mais alguns esporádicos. O período em que participei do grupo teve a duração de um semestre, abarcando os meses de agosto e novembro de 2017.

As considerações sobre o local de trabalho foi o primeiro preceito catalogado em meu diário de participação no grupo *Deleuze Grotowski e educação teatral*. O espaço físico necessário para a prática precisa conter minimamente alguns elementos

fundamentais para a garantia de uma qualidade no trabalho. É preciso uma sala ampla e arejada, sem móveis e que, de preferência, possa resguardar uma privacidade através de um impedimento da visão alheia em relação as janelas e a porta. Também é importante que o trabalho se realize em um ambiente sem poluição sonora, pois atrapalharia a expansão sensorial dos participantes. Por último e, não menos importante, a higiene do espaço, já que os integrantes do grupo precisam se sentir à vontade para que possam participar da atividade sem se preocuparem com coisas dessa ordem. A condução influencia uma experimentação sensível das relações, tanto com o espaço físico quanto com outros integrantes e consigo mesmos.

Outra preocupação necessária é em relação a higiene do vestuário de maneira que os integrantes levem roupas limpas que permitam a ampliação dos movimentos, já que se trata de um trabalho de expressão corporal.

Em relação a acessórios como brincos, colares, piercings, pulseiras, prendedores de cabelo e similares é fundamental que sejam retirados para prevenir acidentes e prezar pela integridade física dos participantes. No caso daqueles que usam óculos, pede-se que sejam preferencialmente retirados, pois podem ocorrer, durante as dinâmicas, movimentos mais intensos que prejudiquem os indivíduos.

Para garantir a segurança dos envolvidos, não é permitido que haja integrantes sob efeito de entorpecentes ou qualquer condição debilitante como fome, diarreia etc. Transtornos mentais mais severos também poderiam inviabilizar a prática das atividades.

Um acordo de sigilo entre os participantes em relação ao que ocorre durante o trabalho é estabelecido ao princípio de modo que as experiências ocorridas no grupo são protegidas para que se crie uma atmosfera de segurança. Manter esta atmosfera de respeito e confiança é parte essencial do trabalho para que seja assegurada a possibilidade de entrega dos participantes.

2.3 PARTES DO COMO E DO QUE SE TRABALHOU NO GRUPO DELEUZE GROTOWSKI E EDUCAÇÃO TEATRAL

As características das dinâmicas oferecidas no grupo de pesquisa *Grotowski Deleuze Educação* têm como cerne a retirada do corpo cotidiano para que possa ser possível a “entrada” em uma outra lógica capaz de promover um estado atípico de ser e

estar no mundo. Para isso, as dinâmicas contam com algumas especificidades em sua condução.

A primeira é a restrição à fala. Essa restrição se dá porque a fala é muito utilizada em nosso dia-a-dia de modo que já está condicionada em demasia. Sua supressão contribui para outras possibilidades de expressões nas relações. Durante as dinâmicas ou mesmo nos intervalos, solicita-se que não haja conversas para evitar a dispersão das energias acumuladas durante o trabalho. Somente no final a fala ganha espaço novamente para quem quiser comentar a experiência.

As dinâmicas apresentadas contam com uma complexidade em suas configurações para a execução, propositalmente elaboradas desta forma para que engaje toda a atenção e o envolvimento dos participantes. Dessa forma, eles tendem a instaurar uma condição de escuta ativa em seus voluntários. As dinâmicas não são óbvias, nem prezam por raciocínios lógicos. Assim sendo, há uma sofisticação apresentada, pois suas ações tendem a agir na sensibilização de seus executores. Daí a importância de todos os preceitos apontados acima para garantir segurança e amparo no acesso ao estado sensível de apreensão.

Um exemplo de dinâmica ilustrativo da proposta: a Dinâmica da *cadeira* A e B. Dois voluntários são posicionados de frente um para o outro, com uma cadeira entre eles. A dinâmica sugere que A quer se sentar e B não quer que A se sente. O importante é compreender que estas são sugestões, não é o objetivo da tarefa. O sentar-se e o evitar que o outro se sente são propostos para criar uma interação entre A e B, mas que não determina essa relação, pois o que se faz importante nestas atividades, de fato, são novos modos de convívio promovidos pelo contato e o desenvolvimento contingente que triangula a relação entre A, B e a cadeira.

É a partir da observação do que está ocorrendo no aqui-agora da oficina, em que cada qual responde à dinâmica de uma maneira particular, que é possível que o espaço para o autoconhecimento esteja aberto. No decorrer da dinâmica é estimulado um olhar sensível para as próprias reações íntimas e como isso influencia uma outra relação do sujeito consigo mesmo e com o mundo. Podemos citar alguns princípios listados no diário que são recorrentes nas dinâmicas: a tensão, o olhar, o risco, a precisão, a conexão, a desconexão, as angústias, a imobilização, o alongamento, a fluidez, a entrega, o desequilíbrio, o silêncio, a escuta sensível, a imposição, a transgressão, o desconhecido

ou indeterminado, a omissão, as blindagens, o medo, o afobamento, a respiração, a decisão, o planejamento, a emoção, o receio, a malícia, a repetição, as assimetrias e as torções. Todas essas respostas se dão num contexto onde não existe preparação nem tempo para que se pense uma resposta mais adequada, a resposta corporal dada diz respeito àquilo que se encontra de mais primário nos sujeitos, ou melhor, àquilo que é a resposta mais imediata e instintiva de cada um.

Cabe ao condutor fazer interferências no esforço para que tudo aquilo que esteja sendo uma encenação de si mesmo seja suprimido e que o que há de mais autêntico transpareça. O condutor deve interferir pontualmente para que as máscaras que utilizamos – as quais estamos condicionados –, gradativamente, possam dar lugar a impulsos que se manifestam no indivíduo, trazendo o que há de mais essencial. A tentativa da condução do trabalho, com isso, é remover todo o artifício de nossos gestos, retirar a blindagem estruturada do comportamento que impede a sensibilidade afetiva do indivíduo.

Assim, as dinâmicas propostas pretendem intensificar as relações para que dali emergjam impulsos que estão encobertos pelos hábitos cotidianos, criando uma atmosfera de interação que influencia uma nova apreensão. Os voluntários nas dinâmicas são influenciados para que haja uma experimentação das relações de forma sensível diferenciada dos automatismos e bloqueios da postura cotidiana.

Nesse sentido, estas dinâmicas pretendem criar espaços onde as possibilidades de interação se deem de forma não institucionalizada, voltada para a produção de uma ética gerada pela própria interação, não através do estabelecimento de uma normatividade moral convencional de boas maneiras. As dinâmicas propõem um espaço em que a intimidade dos voluntários possa criar formas de relacionar não instituídas socialmente, são toques e olhares entre os voluntários que criam outras intensidades nas relações.

2.4 PRECEITOS CATALOGADOS NO GRUPO DE PESQUISA GROTOWSKI DELEUZE EDUCAÇÃO

Para aplicação de uma dinâmica, tal como acima descrita, foram catalogados alguns preceitos que tentam dar bases à possibilidade de ampliação da consciência. Estes preceitos estão totalmente influenciados pela interpretação e vivência do Prof. Dr. André Magela com o trabalho de expressão corporal baseado nas práticas de Jerzy Grotowski.

A seguir, deparamo-nos com apontamentos que sustentam a ideia psicofísica de Grotowski que, de maneira geral, aponta para nossa capacidade de acessar estados sensíveis de ampliação da consciência. Sua busca através do trabalho de expressão corporal se dava no sentido de que “a eliminação do lapso (espaço) de tempo entre impulso interior e reação exterior” ocorre “de modo que o impulso se torna já uma reação exterior” (GROTOWSKI, 1971, p.03).

Os preceitos abaixo devem ser entendidos como paradoxos existenciais, que deparamos tanto nas dinâmicas propostas como na vida. E as frases abaixo catalogadas norteiam o condutor para que esse possa influenciar os participantes das dinâmicas a confrontarem tais questões existenciais. As frases abaixo foram catalogadas durante as execuções práticas do grupo de pesquisa “Grotowski, Deleuze, Educação”, coordenado pelo Prof. Dr. André Magela:

- O metabolismo do grupo, uma condução que permita a mobilização dos engajamentos. Um roteiro de trabalho que possibilite intensificação energética do grupo, aumentando o desafio que a prática instaura.
- O que faço é a escuta do que acontece.
- O indeterminado quando não há escolhas, só há aceitação do que se tem.
- A impermanência, adversidade *versus* estabilidade, lidar com imprevisibilidade da vida.
- A interação, o contato é um campo de forças.
- O contato e o canal que estabelece a mobilização das energias.
- A escuta é ação, o dentro e fora se constituem.
- A morte como princípio existencial na condução do trabalho; lidar com o fracasso, compreender que as experiências não se repetem, sempre estamos diante da primeira e última chance.

É preciso entender que esses preceitos tentam estabelecer bases ao trabalho proposto por Grotowski (1971) que, de modo geral, busca criar no trabalho de expressão corporal uma atmosfera de experimentação, permitindo aos indivíduos acessar sua própria intimidade. O objetivo da prática é criar uma atmosfera de experimentação que possibilite revelações íntimas relacionadas aos nossos próprios impulsos internos; ou seja, um estímulo afim de mobilizarmos e transformarmos a nós mesmos devido ao acesso íntimo do que há por trás dos hábitos cotidianos.

Esse texto, todavia, não vai dar conta de explicar o aproveitamento e amadurecimento como condutor da proposta prática dessa pesquisa, pois existem detalhes

que escapam à ordem da fala, mas que fazem parte de um repertório de uma observação sensível que nos permite uma avaliação mais precisa no direcionamento das dinâmicas. Essa experiência de condução é um caminho de amadurecimento constante. A experiência no grupo de pesquisa sobre educação teatral, ancorada nos escritos de Grotowski (2012) sobre o trabalho de expressão corporal, forneceu o ponto de partida com as vivências do trabalho em grupo e aumentou o repertório de dinâmicas. Isso possibilitou uma grande contribuição de amadurecimento e forneceu bases para a elaboração de uma condução própria.

Assim, no capítulo seguinte serão demonstrados os desdobramentos e a especificidade de uma proposta que se influenciou com essa pesquisa de campo e se configurou em diálogo com os *cuidados de si*, retirados do livro “A hermenêutica do sujeito” de Foucault (2006).

3. A VIDA COMO OBRA DE ARTE

A afirmação de Milton Santos (2000) sobre a urgência de reaprendermos a ver o mundo diz respeito ao fato que nossa apreensão de mundo determina nossas ações e relações. De certa forma, só a modificação de nossa apreensão de mundo nos daria bases para um posicionamento existencial que nos responsabilize pela tomada de consciência para efetivarmos uma contribuição na mudança da atual globalização.

Proponho a existência de uma linha que poderia influenciar essa transformação social ligada à nossa constituição existencial na qual se baseou as práticas desta pesquisa. Para poder demonstrar isso, faremos uma breve excursão na Grécia antiga, sob a supervisão de Foucault (2006). Para Foucault, no livro “A Hermenêutica do sujeito”, existia uma série de preceitos na antiguidade grega, romana e cristã, que asseguravam a manifestação de uma ética existencial; tais preceitos, porém, foram se perdendo ao longo da história.

Esses preceitos éticos – denominados por Foucault como *práticas de si* – foram produzidos e cultivados de maneiras diversas entre gregos, romanos e cristãos. Para Foucault, o tema *cuidado de si* aparece desde o século V a.C. e influencia grande parte da concepção filosófica grega, helenística, romana e cristã. O que o *cuidado de si* tinha em comum entre esses povos era a importância atribuída à preocupação de submeter-se a um conjunto de práticas rigorosas ligadas à compreensão de si como condição essencial de não serem escravos de seus próprios desejos e paixões. Havia um consenso social sobre a importância de se submeter ao exercício de certas práticas de si como condição indispensável para alcançar uma excelência existencial. Segundo Foucault, o *cuidado de si* seria o responsável pela produção, tanto para os gregos quanto para os romanos, de uma vida bela e, para os cristãos, de uma vida regida pelas leis divinas.

De maneira geral, Foucault demonstra como o *cuidado de si* estava ligado a uma corrente filosófica da antiguidade grega ancorada na compreensão da verdade de forma integrada entre a racionalidade e a espiritualidade. Isso significa, assim, que a compreensão era um ato de transformar-se, diferentemente da concepção moderna que atribui ao conhecimento racional a única forma de chegar a verdade. Segundo Foucault, “aceitamos que o sujeito tal como ele é, é capaz de verdade, mas a verdade, tal como ela é, não é capaz de salvar o sujeito” (2006, p.24). A clássica afirmação “penso, logo existo”

– separada da forma *sinto, logo existo* –, abre precedentes para atribuir à vida qualquer sentido derivado unicamente da categoria do pensamento desagregado dos sentimentos. Se voltarmos a afirmação de Milton Santos (2000) sobre a urgência de reaprendermos a ver o mundo, percebemos uma desconexão entre razão e sensibilidade que distorce a nossa capacidade de apreender o mundo de forma integrada. Assim, nossas ações tornam-se incapazes de responder de modo equilibrado, produzindo relações sociais baseadas na reprodução dos modos capitalistas de operação dessas corporações, numa profunda desconexão com o bem-estar social.

Se o conhecimento na atualidade está ligado somente ao aspecto racional, quem detém o mesmo não tem nenhum compromisso com a parte afetiva que diferencia os humanos das máquinas. O desenvolvimento tecnicista segregado na razão gera, ao mesmo tempo, tecnologias e desumanização. Segundo Foucault:

[...] se fizermos agora um salto de muitos séculos, podemos dizer que entramos na idade moderna (quero dizer, a história da verdade entrou no seu período moderno) no dia que admitimos que o que dá acesso à verdade, as condições segundo as quais o sujeito pode ter acesso à verdade, é o conhecimento e tão-somente o conhecimento. (FOUCAULT, 2006, p.22).

Desse modo, o acesso ao conhecimento passa a ser feito de modo desengajado, fragmentando nossa relação com o mundo, bem como segregando nossa capacidade de apreensão e elegendo a racionalidade como o mais importante. A condição que estabelece a verdade passa a ser a categoria do pensamento, fragmentando nossa capacidade de apreensão da realidade e promovendo a separação entre razão e sentimento. A verdade não se manifesta unicamente pelo intelecto, mas sim por uma transformação do sujeito que se modifica em virtude do contato – não só intelectual, mas também emotivo e visceral – com a verdade. Para Foucault, a espiritualidade era:

Aquele ponto de iluminação, aquele ponto de completude, aquele momento de transfiguração do sujeito pelo “efeito de retorno” da verdade que ele conhece sobre si mesmo, e que transita, atravessa, transfigura seu ser, nada disto pode mais existir. (FOUCAULT, 2006, p.23).

Percebemos uma denúncia sobre a categoria pensamento se impondo à categoria sentimento. A transformação que Milton Santos (2000) propõe é a de uma outra globalização, da necessidade urgente de dispormos do aparato técnico científico que se possui atualmente de modo a ligá-lo a outros valores além dos valores pautados no financeiro. Essa reflexão está ligada intimamente ao resgate da dimensão da afetividade. A realidade encontra-se em crescente desigualdade, não só como um dado estatístico, mas

um efeito direto de nossas ações conjuntas e alienadas em objetivos construídos pela ideologia massificada do monopólio do mercado. Quer dizer que a ampliação da consciência em suas múltiplas ordens de apreensão pode ser capaz de gerar uma tomada de consciência diante da desigualdade social. Pode-se permitir, assim, a eclosão interna e externa de mobilizações e transformações, pois quando se sensibiliza, pode haver um contato diferenciado com o mundo. Faz-se necessário a capacidade íntegra de apreensão de mundo para que possamos nos mobilizar de maneira solidária. Essa pesquisa faz parte do gesto de indignação e colaboração para uma outra globalização.

O *cuidado de si* de Foucault seria um processo de constituição existencial sensível. Com isso nos deparamos com a vida como obra de arte, a *estética existencial* como Foucault nos apresenta é uma proposta de produzirmos e avaliarmos a existência em suas múltiplas dimensões sensoriais, racionais, afetivas e espirituais. A vida assim como a obra se revelaria a nós em suas múltiplas ordens canalizando processos racionais, afetivos, sensoriais e espirituais como nos sugere Jacques Rancière no livro “O espectador emancipado” (2012). A arte é capaz de mobilizar nossos regimes de sensações e nossos modos de ser e perceber o mundo, ou seja, a experimentação da percepção como campo político. Foucault em seu livro “História da sexualidade 3: o cuidado de si” (1985) diz:

Exige ainda e sempre que o indivíduo se sujeite a uma certa arte de vida que define os critérios estéticos e éticos da existência; mas essa arte se refere cada vez mais a princípios universais de natureza e de razão, aos quais todos devem se dobrar do mesmo modo, qualquer que seja o seu estatuto. (FOUCAULT, 1985, p. 93).

As *práticas de si*, segundo Foucault, dizem respeito a exercícios da existência. São procedimentos que existiam tanto nas sociedades gregas, romanas e cristãs. Para os gregos, as práticas ligavam-se ao uso dos prazeres na busca de formas éticas e equilibradas de modo a não se tornarem escravos do prazer. Essas formas são princípios que buscavam sujeitar o indivíduo a um autocontrole frente ao ato sexual. Os gregos buscavam estabelecer tais atos regrados por horários, locais e parceiros buscando um equilíbrio nas relações e, conseqüentemente, a formação de um indivíduo mais ético. Apesar das diferenças entre as práticas do *cuidado de si* entre esses povos, o princípio de sujeição a padrões rigorosos para uma transformação sensível de si era condição existencial indispensável para a construção do exercício da Ética.

Nas práticas cristãs vemos o uso do regime monástico, do jejum, das penitências, da meditação e da oração como preceitos de transformação de si. Todas essas práticas de

si conciliavam o conhecimento com o processo religioso de autotransformação e purificação.

Nesse caso, a beleza da vida como obra de arte estaria ligada a rigores de múltiplas ordens sensoriais, racionais, emocionais e espirituais que permitiriam a transformação do sujeito para o seu acesso a realidade, na medida em que essa realidade se apresenta em equilíbrio com o próprio fluxo da existência. A vida e a obra passam a ser belas à medida que se produzem como resposta à altura do desafio da vida. Se nossa realidade é a de uma desigualdade crescente, como aponta Milton Santos (2000), nosso desafio é produzir uma resposta pessoal e social a altura desse desafio.

Baseio a elaboração prática que será descrita no próximo capítulo nos *cuidados de si* de Foucault, pela tentativa de influenciar experiências voltadas para a sensibilização e percepção de si como lugar de transformação. As conciliações de conhecimentos distintos que serão demonstradas mais à frente são um *cuidado de si* pela intenção de criar rigores que desafiem através de uma experimentação prática os determinismos e condicionamentos instaurados em nossa personalidade por experiências passadas, ligadas ao mesmo tempo a um imperativo de sermos amados e de nos defendermos do mundo. Uma busca ligada a compreensão que o conhecimento não garante a transformação, mas o autoconhecimento é uma transformação.

4. A ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA PRÁTICA

Com a intenção de proporcionar uma proposta sustentável, o pesquisador Adilson Siqueira (2010) salienta a precisão de contemplar a justiça social, paz, democracia, autodeterminação e qualidade de vida. Nesse sentido, a presente proposta busca uma conciliação de técnicas distintas como o trabalho do ator, o descondicionamento de Krishnamurti e os instintos de Don Richard Riso e Russ Hudson na tentativa de propiciar uma experiência voltada para a sensibilização do indivíduo para influenciá-lo em apreensões conectadas de maneira mais integrada ao racional, emocional, instintivo e intuitivo.

O descondicionamento com base em Krishnamurt

Jiddu Krishnamurt (1895-1986) nascido em Mandanapalle, na Índia, foi um filósofo, escritor e educador que proferiu palestras ao redor do mundo. Ficou conhecido mundialmente quando, em 3 de agosto de 1929 – dia da abertura do Acampamento Anual da Ordem da Estrela do Oriente, em Ommen (Holanda) – dissolveu essa mesma ordem diante de 3.000 membros. A Ordem da Estrela do Oriente foi fundada (1911) por esotéricos, e essa mesma instituição queria fazer de Krishnamurti o novo instrutor do mundo. Ele não defendia nenhuma bandeira ou instituição, suas palestras falavam de amor, transformação e meditação.

O que está implícito filosoficamente na elaboração do trabalho de revelação de si são minhas interpretações do pensamento de Krishnamurti. Penso que, para materializar o pensamento deste autor, é necessário nos voltarmos para uma compreensão de nós mesmos num estado onde a consciência é capaz de perceber seu próprio movimento sem julgamento. É uma tarefa muito difícil manter uma percepção sensível sem a distorção das experiências passadas. É, justamente, a qualidade da percepção sensível que vai determinar nosso modo de ser e estar no mundo. Desta maneira, segundo esse pensamento, a percepção é capaz de transformar o percebedor. E na tentativa de materializar esses estados perceptivos faço a junção das práticas de trabalho de expressão corporal, baseadas em Grotowski (1971), somadas ao conhecimento dos instintos do eneagrama, uma tentativa de influenciar experimentações e acessos as forças que se fazem manifestas durante a vivência da oficina, resultando em um processo de autoconhecimento.

Os apontamentos de Krishnamurti (2007) foram usados como embasamento filosófico na elaboração dessa proposta prática, principalmente em suas considerações sobre o autoconhecimento e o percebimento como fator de descondicionamento humano. Para Krishnamurti, o descondicionamento está ligado à capacidade de percebermos os automatismos de nossas reações.

Em termos de percepção é utilizado nessa pesquisa os apontamentos de Krishnamurti na questão ligada sobre atenção ativa que, segundo esse autor, seria a nossa capacidade de efetivarmos um estado de meditação constante. Quando somos capazes de perceber algo sem a reação condicionada da memória, integramos o racional, emocional e sensorial para perceber algo ao invés de somente interpretar. Segundo Krishnamurti,

memórias são experiências acumuladas e a medida que vamos acumulando experiências, elas tendenciosamente vão condicionando nossa percepção devido a nossa suscetibilidade de reagir a experiências atuais através da identificação do pensamento com experiências passadas e acumuladas na memória. Sendo assim, faz-se necessário uma percepção que não seja fragmentada, que não seja só reação do pensamento, mas que seja fruto de uma percepção sensível ligada a processos racionais, emocionais e sensoriais. Segundo Krishnamurti, só assim teríamos uma percepção do que é uma ação, simultaneamente.

Para Krishnamurti (2007), percebimento é nossa capacidade de entrar em contato com algo sem identificá-lo. Quando não comparamos, julgamos ou nomeamos algo, somos obrigados a dar nossa atenção a essa relação. Nesse percebimento silencioso emerge tudo aquilo que sentimos e que somos, um estado de autoconhecimento de revelação. Uma sensibilização perceptiva.

Krishnamurti, em seu livro “A primeira e última liberdade” (1965), afirma que memória é experiência incompleta, fazendo, uma distinção entre memória factual e memória psicológica. Há uma memória de fatos e conhecimentos técnicos necessária para que um engenheiro possa empregar seus conhecimentos técnicos para a construção de uma ponte. Esta seria a memória de fatos. Mas, porém, há também a memória psicológica, quando escutamos algo agradável ou desagradável que guardamos para que, na próxima vez que encontrarmos a pessoa que proferiu aquela palavra agradável ou desagradável, nós reajamos conforme essa lembrança. Para Krishnamurti, (1965) a memória tem essas duas facetas: a psicológica e a factual. Essas duas memórias estão sempre relacionadas entre si, e suas distinções não são claras. A memória factual seria imprescindível para nossa existência, já a memória psicológica, não.

Dentro desse contexto onde as memórias passadas de outras experiências podem condicionar as experiências presentes, a condução da prática proposta aqui busca influenciar nos participantes uma postura ativa e sensível para propiciar condições favoráveis para a experimentação de novas possibilidades de apreensão, ligadas ao desafio das dinâmicas que não possuem uma resposta pronta e acabada. A condução dessa proposta enfatiza a possibilidade de relacionarmos sem escolhas, para evitar assim uma relação de autoafirmação e influenciar uma relação de autoconhecimento. As dinâmicas propostas nas oficinas, e a forma que são conduzidas sob o viés de Krishnamurti (2007) tentam instaurar uma atmosfera de sensibilização apreensiva, criando uma suspensão de

juízo ou comparação, para que se possa experimentar sem receios. É essa nova apreensão de si mesmo advinda do autoconhecimento que gera descondicionalidade, já que o indivíduo se percebe de maneira nova, ele modifica sua própria forma de ser e estar no mundo, podendo abrir mão de uma velha imagem de si, condicionada e estruturada em experiências passadas. Essas experiências passadas já não condizem com a atualidade do seu contexto existencial experienciado. De forma resumida, no tocante a obra de Krishnamurti, o descondicionalidade acontece quando o indivíduo é capaz de perceber a si mesmo, equilibrando, assim, as forças que atuam em nós e, conseqüentemente, alterando sua forma de ser e estar no mundo. Portanto, o indivíduo rompe com a imagem que ele mantém de si mesmo pelo autoconhecimento.

4.1 AS CONTRIBUIÇÕES DO ENEAGRAMA DE DON RICHARD RISO E RUSS HUDSON

Os instintos, em Richard Riso e Russ Hudson (2016), como foram apresentados no primeiro capítulo, foram incorporados na condução prática pela possibilidade de diagnóstico. Através dos instintos dominantes de cada pessoa é possível promover um diagnóstico efetivo ligado a proposta de autoconhecimento que a prática dessa pesquisa elaborou. Deste modo, é possível uma orientação voltada ao acesso e ao equilíbrio desses instintos, possibilitando um descondicionamento, a partir da localização nas dinâmicas práticas tanto do instinto dominante quanto do reprimido.

A elaboração dessa proposta prática que parte do trabalho de expressão corporal, em diálogo com os instintos de Riso e Hudson, tenta oferecer a possibilidade de uma prática intensiva sem usar o recurso da fala, o que se torna um terreno ideal para observarmos comportamentos instintivos, o que intensifica a prontidão e o acesso a esses instintos por meio da experiência que só acontece no aqui-agora. Nesse contexto de trabalho de expressão corporal é possível fazer um aprofundamento sutil em cada participante sem confrontá-lo diretamente.

O contexto da dinâmica teatral instaura situações específicas de contatos que exigem dos participantes um engajamento perceptivo que mobiliza essas mesmas operações que se encontram cristalizadas na sua relação com o mundo. Assim, fissuras na solidez estrutural da imagem e dos comportamentos automatizados que cada um mantém em si mesmo são influenciados e, talvez, transformados. A imagem de si é confrontada quando o indivíduo se torna consciente da distorção de seus instintos abrindo possibilidades de uma apreensão de si mesmo mais integral.

Essa condução da prática elaborada tenta manter um amparo para não agredir a estrutura pessoal, mas também exige que o indivíduo deixe sua zona de conforto através da técnica que a dinâmica propõe. Em tais condições de trabalho prático, as ansiedades e angústias que surgem são incentivadas a serem canalizadas de diferentes formas, deixando, assim, um território propenso às revelações instintivas. O acolhimento e confiança por parte do grupo é fundamental para propiciar essas saídas de si, ou seja, essas exposições extra cotidianas que estão encobertas pela imagem representativa que manipulamos de nós mesmos.

Os instintos em Riso e Hudson (2016) se aplicam de maneira muito válida, possibilitando um diagnóstico do grupo para o facilitador. A partir disso ele pode elaborar dinâmicas de expressão corporal voltadas especificamente a cada caso, criando condições práticas de acesso específico a cada instinto. No próximo capítulo será demonstrado como a atuação instintiva foi diagnosticada nas dinâmicas práticas.

4.2. METODOLOGIA

A presente pesquisa baseia sua metodologia na *cartografia* – método proposto por Virgínia Kastrup a partir de obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Cartografar é uma tentativa de negação e resistência de não se constituir uma pesquisa apenas por modelos estruturais prontos, com metas e caminhos previamente traçados. A presente pesquisa fez uso da *cartografia* por almejar observar intensidades de forças da subjetividade e processos em curso. Foi um investimento nas forças instintivas do ser humano, e menos nas formas instituídas, nos modos de perceber a capacidade de experimentação ao invés da ênfase na interpretação e representação. Uma pesquisa ligada a modos intensivos e não quantidades mensuráveis. Uma pesquisa qualitativa, portanto.

O aspecto qualitativo se liga ao fato do trabalho proposto versar sobre o sujeito e suas possíveis revelações íntimas decorrentes do processo de expressão corporal. A qualificação da experiência se liga a tentativa de influenciar um aprofundamento do indivíduo por ele mesmo, para levá-lo a acessar estados que tragam modificações que rompam com sua autoimagem instituída. A compreensão de si pelo autoconhecimento leva o indivíduo a não reforçar sua identificação com sua autoimagem e, conseqüentemente, a ampliação da percepção atinge outras possibilidades de ser e estar no mundo. Na busca de tal efeito, a presente pesquisa apostou em uma junção entre prática e teoria. Uma conexão entre o trabalho de ator baseado em Grotowski e a teoria do eneagrama possibilitou a criação de uma pesquisa que tenta qualificar o contato entre participantes da oficina no aprofundamento de suas singularidades.

Essa conexão se apresentou como cartografia, já que eu fiz, enquanto pesquisador, a junção do eneagrama e o trabalho de ator em um cruzamento de processos distintos, através das experimentações quando eu ainda participava da primeira parte dessa pesquisa, que era a participação no grupo de pesquisa *Deleuze, Grotowski e educação teatral*. Em meio a essa experiência eu pude cruzar a ideia da prática teatral com a teoria

dos instintos do eneagrama indo ao encontro de uma cartografia, pois para Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup (2012):

Diferentemente do paradigma cartesiano-positivista, de caráter disjuntivo e representacional, a cartografia visa as conexões, as articulações, na tentativa de explicitar “a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente”. (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 57).

A conexão entre trabalho de ator e os instintos do eneagrama busca justamente explicitar formas de lidar com as forças presentes nestas práticas. Visa, assim, intensificar a experiência da oficina tanto para o pesquisador quanto para o participante, na tentativa de efetivar mais consciência desses processos internos que constituem o ser. Cartografar, então, significa a busca por conexões e atravessamentos que surgem dentro do processo, para nos relacionarmos reflexivamente com ele.

Assim, o cruzamento de ideias e conexões fizeram parte da elaboração da pesquisa de modo a estruturar as dinâmicas que fariam parte da oficina. Usei encontros e atravessamentos que as dinâmicas nas quais participei me causaram ao longo de minha formação. A partir dessas experiências em vivências de expressão corporal pude elaborar um levantamento para a consolidação do repertório incorporado na proposta de meu trabalho. Com isso, esta pesquisa se influencia dos aspectos intensivos de processos anteriores, já que sua estrutura se deu em relação às intensidades registradas no corpo do pesquisador. Uso como critério avaliativo para a seleção das dinâmicas descritas e usadas na pesquisa, as potencialidades que essas dinâmicas apresentavam em mobilizar e intensificar percepções de mundo através da experimentação pessoal das mesmas.

Sendo assim, foi buscada a ampliação da capacidade sensível do corpo para integralizar as produções de conhecimento. Isto evita o sacrifício dos processos de apreensão da realidade em prol de um racionalismo que se esforça por manter a imparcialidade da realidade observada, pretendendo não se deixar afetar e constituir por essa mesma realidade. Neste aspecto, segundo Alvarez e Passos (2012):

[...] a experiência da pesquisa ou a pesquisa como experiência faz coemergir sujeito e objeto de conhecimento, pesquisador e pesquisado, como realidade que não estão totalmente determinadas previamente, mas que advêm como componentes de uma paisagem ou território existencial” (ALVAREZ; PASSOS, 2012, p. 148).

Nesse sentido, pesquisar e compor paisagens é estar aberto para esses encontros de forças que compõem a realidade sem a pretensão de achar que essa realidade já está determinada, mas admitindo que a todo momento está sendo composta.

Uma mudança estrutural que foi gerada em processo foi o formato da oficina, primeiramente idealizado para formar um grupo que durante um semestre participaria do laboratório para a pesquisa. Este formato logo se mostrou inviável, já que a pesquisa contava com voluntários para a formação do grupo e estes não podiam ser cobrados nos modos previamente concebidos. Diante das dificuldades de consolidar um grupo (devido às demandas de horários e comprometimento perene com o trabalho), a pesquisa optou por formatar uma oficina que pudesse ser oferecida sem qualquer pré-requisito, na tentativa de se adaptar ao público disponível.

Essa forma genérica possibilitou uma mobilidade de oficina para transitar em grupos diversos que estavam interessados em uma proposta de autoconhecimento. Observo o quanto isto desvinculou o projeto de uma necessidade de prática contínua com os mesmos integrantes. O que se tornou contínuo foram as modificações e adaptações que o formato da oficina podia inventar para se inserir em diferentes públicos.

Vale ressaltar que isto também acarretou uma responsabilidade minha em poder fornecer uma oficina que busca propiciar um diagnóstico consciente de forças instintivas que se configura em cada indivíduo, através das intensidades experienciadas pelos participantes e suas respectivas reações nas dinâmicas propostas. O formato atual da oficina busca propiciar uma experiência de sensibilização perceptiva, que efetive o acesso e a compreensão das forças instintivas que, quando não equilibradas, distorcem a forma de ser e estar no mundo.

Para registrar e formalizar as intensidades experienciadas nas oficinas, foi sugerido um **marcador expressivo**, que se constituiu da seguinte maneira: antes da oficina, todos recebiam uma folha em branco e um lápis ou caneta. Inicialmente, foi solicitado apenas aos participantes que pusessem a data e o nome nesse papel. Feito isso, foi sugerido que desenhassem uma bola no centro desse papel e, em seguida, eles tinham de 5 a 10 minutos para escreverem as palavras que eles achavam que poderiam sintetizar a si mesmos, palavras de efeito que expressariam traços íntimos de cada participante. Destaco a sugestão de que “menos palavras eram mais”, ou seja, não era a quantidade de palavras o principal, mas sim a densidade dessas palavras em qualificar cada indivíduo. As folhas eram então recolhidas e os participantes eram informados que essa folha seria usada por eles no término da oficina.

Depois de uma breve introdução do projeto e apresentação dos três instintos básicos, partia-se para a prática. Concluída a parte prática, as fichas eram devolvidas para cada participante e, neste momento, era sugerido que se desenhasssem mais três esferas ao redor da primeira e dentro de cada esfera escrevessem um dos três instintos: *sexual*, *social* e *autopreservação*. Feito isso, iniciava-se um bate papo no qual os participantes relatavam a própria experiência nas dinâmicas. Simultaneamente a esses depoimentos, era sugerido para cada participante o dever de criar uma conexão entre a bola do centro – representativa de si mesmo – e as outras esferas que representam os instintos, à medida que sentirem qual dentre os instintos que mais foram acessados durante as dinâmicas.

Essa conexão entre as esferas pode ser realizada da maneira como cada um escolher. A intenção é conectar, a forma não importa, desde que o participante consiga demonstrar a diferença de intensidade com que cada instinto foi acessado. Assim, a pessoa deve conectar as esferas com traços, pontos, desenhos, riscos etc. Na medida em que compreende cada instinto, simultaneamente identifica a força com que esse instinto foi acessado. Assim, o registro pode demonstrar uma compreensão de si, revelada na experiência das dinâmicas. Na medida em que identificamos como essas forças instintivas atuam em nós. O **marcador expressivo** de intensidades ajuda a dar forma aos acessos instintivos de maneira a tornar os participantes mais conscientes e sensíveis quanto a atuação das forças instintivas e como elas se configuram em cada pessoa. A partir da percepção de como os instintos atuam, abre-se a possibilidade de romper com julgamentos que infligimos a nós mesmos em relação a esses comportamentos mediante a sua forma, encaminhando-se assim para um conhecimento das causas das forças que constituem esses comportamentos.

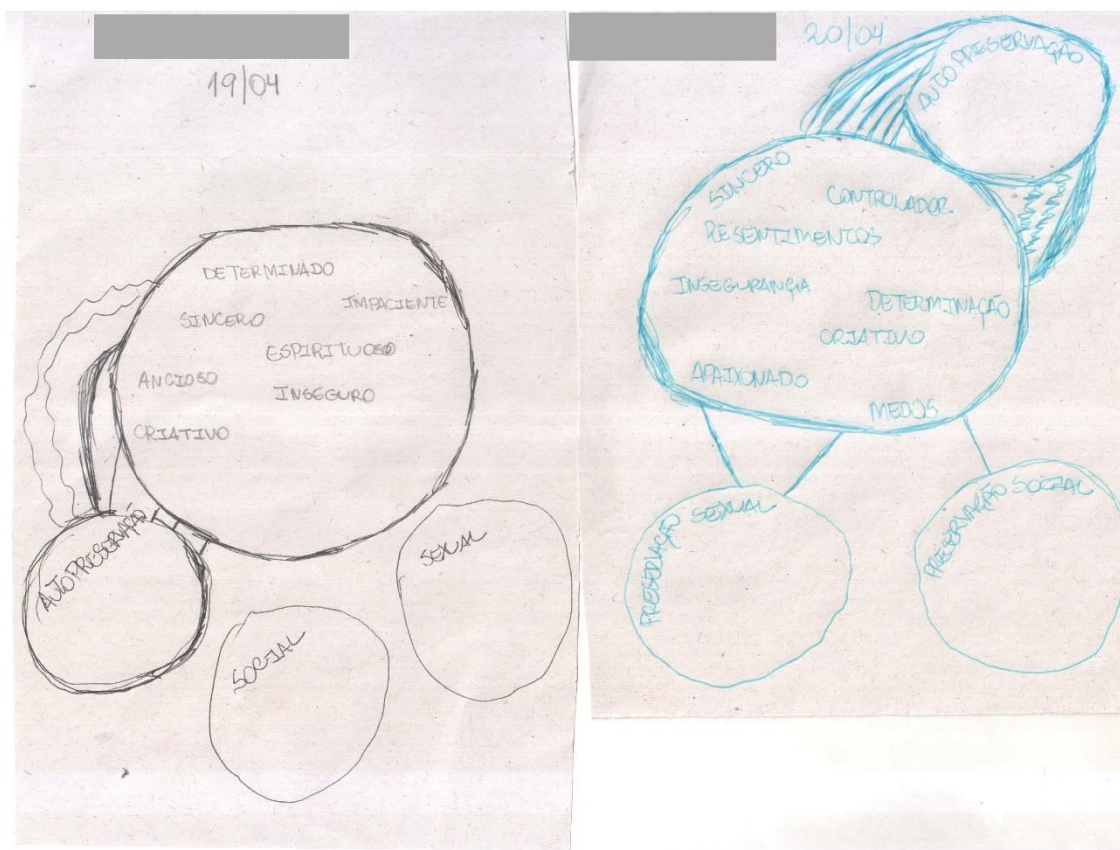
A forma de avaliação para a qualificação da oficina começa com minha constante atenção no decorrer de cada dinâmica em relação à reação de cada participante. Conforme minha orientação na execução de cada atividade, posso cada vez mais, através da experiência, identificar essas forças instintivas dominantes em cada indivíduo. E aos poucos, através da sugestão verbal e condução da atividade, influenciá-los no sentido de acessarem o instinto que se mostra mais reprimido. No fim das dinâmicas, quando todos estão sentados em roda dando o depoimento e preenchendo os marcadores expressivos, posso observar a coerência dos participantes em relação à compreensão dos instintos, como um diagnóstico da oficina, através de três pontos.

O primeiro é minha própria observação das suas respectivas reações na experimentação das dinâmicas que, de antemão, já trazem na sua estrutura e na forma de conduzi-las o propósito de expor as verdadeiras intenções por trás da expressão corporal. O segundo ponto de avaliação são os depoimentos na roda de conversa após as dinâmicas, os quais posso perceber a proximidade desses depoimentos em confronto com minhas impressões empíricas oriundas das dinâmicas aplicadas. Por fim, o último ponto são os **marcadores expressivos**, que podem ser usados para minha averiguação empírica de todo o processo para descobrir se este condiz com minhas observações juntamente aos depoimentos. Isso se dá para averiguar se durante todo o processo houve uma maior compreensão e sensibilização de cada participante sobre sua configuração instintiva.

A metodologia da cartografia se constituiu nessa pesquisa como catalisador e organizador destas percepções dos processos. Também permitiu linhas de fugas, que são horizontes novos que busca vislumbrar, diante do que está instituído e territorializado, uma ruptura com esses caminhos metodológicos que possam determinar a pesquisa antes de seu processo, direcionando os acontecimentos. Cartografar implica “alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas” (DELEUZE, 1998, p. 56). As fugas são lampejos, encontros e afetos em que a pesquisa pode se apoiar para se constituir. A atuação cartográfica não se preocupa somente com o objeto ou coisa pesquisada, mas com os modos de se pesquisar as coisas. A cartografia se preocupa com processos criativos que poderão surgir entre o pesquisador e a pesquisa, pois ali se encontra a fonte de que o pesquisador pode extrair uma nova forma, um outro arranjo que o ajude na relação com o objeto pesquisado. É, em suma, uma busca por formas que não diminuam as forças que o pesquisador encontra.

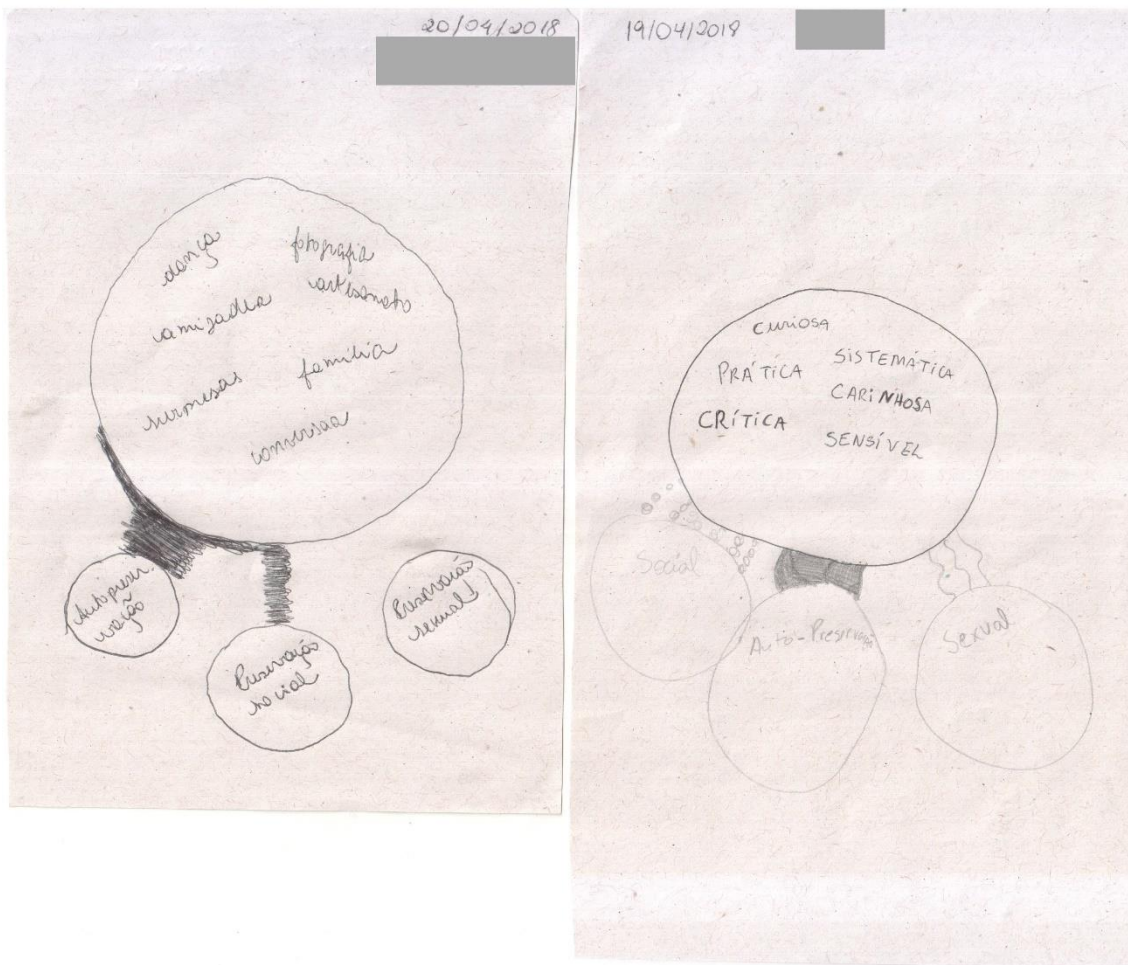
Na *cartografia* não se busca um registro passivo e compartimentado, buscam-se as novidades que os encontros promovem. É uma atuação marginal que escapa a normas impositivas que capturam as pesquisas. Uma tentativa de não representar a pesquisa, mas sim se envolver com ela, apresentar as novidades dessa relação, numa busca de encontros que fazem o pensamento sair da imobilidade e se conectar com a escuta do que acontece a cada momento da pesquisa. Cartografar “não tem outro presente senão o da mobilidade e do fluxo constante” (DELEUZE, 2000, p. 47). Assim, o cartógrafo é um caçador na espreita de sua caça que se permite mobilizar e se afetar por ela. A guisa de ilustração, as Figuras 7 e 8 são quatro marcadores expressivos utilizados na oficina.

FIGURA 7 – Marcadores expressivos produzidos pelos participantes da oficina. No âmbito da investigação da pesquisa, servem para saber o quão consciente os participantes estavam dos seus respectivos instintos.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

FIGURA 8 – Marcadores expressivos.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Luria

4.3 A CONFIGURAÇÃO PRÁTICA DA MINHA PROPOSTA DE OFICINA: MENOS IMAGEM E MAIS REVELAÇÃO DE SI – A FORMA E A FORÇA

A proposta prática se configurou da seguinte maneira: os preceitos do espaço e de higiene são os mesmos catalogados no trabalho de campo. A duração da oficina foi prevista para o mínimo de 3 horas sem um “máximo”, mas isso não é uma determinação; essa duração foi uma adequação aos eventos acadêmicos que a oficina participou. A oficina inicia-se com uma breve apresentação de cada participante e, em seguida, é firmado o compromisso de sigilo entre o condutor e os participantes sobre o testemunhado na vivência para proteger a intimidade e a identidade de cada participante.

Iniciamos a primeira parte teórica com um breve fala de introdução aos instintos do eneagrama; essa primeira parte busca uma familiarização dos participantes com a proposta de instintos do eneagrama. De caráter expositivo, essa parte é importante para que cada participante tenha minimamente uma base do conceito de instintos de modo que, no decorrer da prática, eles possam por si mesmos identificarem a força de seus instintos. Essa parte expositiva dos instintos pode sofrer alteração à medida que a condução amadureça e sinta-se mais segurança na forma de conduzir o trabalho prático e, dessa forma, a parte expositiva pode ficar cada vez mais sutil.

Feito isso, iniciamos a parte prática. Essa parte prática é iniciada com aquecimentos que se combinam com algumas dinâmicas que trabalham a cooperação e a competição. As primeiras dinâmicas da oficina são extraídas no livro de Terry Orlick, intitulado “Vencendo a competição” (1993). Esse autor aponta os estudos da antropóloga Margaret Mead acerca das sociedades competitivas e cooperativas para demonstrar que a influências de jogos competitivos e cooperativos interferem diretamente na estrutura social. Segundo Terry Orlick, crianças que foram submetidas a jogos competitivos tendem a ter uma maior dificuldade de socialização e convívio, enquanto as crianças que foram submetidas a jogos cooperativos desenvolveram maior capacidade de empatia e estavam mais aptas a compreender o que as outras crianças sentiam. Com base nesses apontamentos, a oficina propõe uma experiência de viés político como um exercício de cidadania e democracia participativa da sustentabilidade. No primeiro momento oferecemos a dinâmica da *dança da cadeira* tradicional, onde se retiram as cadeiras e eliminam os participantes de maneira competitiva, até restar o último do jogo. O que se faz mais importante nessa dinâmica é a reação competitiva e agressiva das pessoas por conta da estrutura da proposta. Depois mudamos a estrutura dessa dinâmica para o modo

cooperativo, assim as cadeiras são retiradas, permanecendo os participantes. Isso gera, naturalmente, um aglomerado de pessoas em cima de poucas cadeiras até que no final, temos uma ou duas cadeiras e todos os participantes estão em cima delas. A disposição das pessoas nessa variação de jogo é muito contrastante demonstrando como estamos suscetíveis a reagir em conformidades dos estímulos propostos. Com essa prática, abrimos uma discussão em relação a apropriação do espaço que, segundo David Harvey em seu livro “Espaços de Esperança” (2004), há a necessidade de uma imaginação utópica para buscarmos uma alternativa política que se contraponha à lógica destrutiva inerente ao processo de globalização contemporânea. Com a prática em seu modo cooperativo é concebível influenciarmos outras relações possíveis.

Nesta dinâmica, as pessoas estavam muito mais aptas a se apoiarem e agirem comunitariamente naquele espaço que, agora, era compartilhado por todos e não disputado por todos. A satisfação do grupo em conseguir ficar todos sobre duas cadeiras era notavelmente um sentimento de vitória compartilhada. Dinâmicas cooperativas atuam como uma resistência frente a produção capitalista do espaço, pois a cooperação estaria mais ligada a um socialismo, que garanta democracia e diversidade com a participação de todos para um objetivo comum diferente do comportamento competitivo e individualista presentes em nossa atual globalização (SANTOS, 2000).

Ao adotar os jogos cooperativos nas dinâmicas, além de promover uma prática reflexiva sobre a competitividade e o individualismo demonstrado no primeiro capítulo, é possível criar uma proposta sustentável pela experiência humana e política gerada pela cooperação. Demonstraremos com duas tabelas, abaixo, como os jogos cooperativos se ligam as bases da sustentabilidade. Segundo Orlick (1993):

Tabela 1: características dos jogos competitivos e cooperativos

JOGOS COMPETITIVOS (características)	JOGOS COOPERATIVOS (características)
Divertido para alguns	Divertido para todos
Alguns sente-se perdedores	Todos sentem-se ganhadores
Alguns são excluídos por falta de habilidades	Todos envolvem-se de acordo com as habilidades

Estimula a desconfiança e o egoísmo	Estimula o compartilhar e confiar
Cria barreira entre as pessoas	Cria ponte entre as pessoas
Os perdedores saem e observam	Os jogadores ficam juntos e desenvolvem suas habilidades
Estimula o individualismo e o desejo que o outro sofra	Ensina a ter senso de unidade e solidariedade
Reforçam sentimentos de depreciação, rejeição, incapacidade, inferioridade, etc.	Desenvolvem e reforçam os conceitos de nível AUTO (auto-estima, auto-aceitação. Etc.)
Fortalece o desejo de desistir frente às dificuldades	Fortalece a preservar frente às dificuldades
Poucos são bens sucedidos	Todos encontram um caminho para crescer e se desenvolver

Além de contrastar com jogos competitivos, os jogos cooperativos podem ser relacionados diretamente com a sustentabilidade. Na tabela abaixo, encontra-se um paralelo que eu faço entre as bases da sustentabilidade, segundo Adilson Siqueira (2010), e as bases dos jogos cooperativos, segundo Orlick (1993):

Tabela 2: comparação entre as bases da sustentabilidade e dos jogos cooperativos

BASES DA SUSTENTABILIDADE	BASE DOS JOGOS COOPERATIVOS
Justiça social	Ensinam a ter senso de unidade e solidariedade
Paz	Estimula o compartilhar e confiar
Democracia	Todos envolvem-se de acordo com as habilidades
Autodeterminação	Desenvolvem e reforçam os níveis AUTO (auto-estima, auto-aceitação. Etc.)
Qualidade de vida	Todos encontram um caminho para crescer e se desenvolver

A proposta deste trabalho é que se estabeleça um diálogo com esses preceitos de cooperação na formulação das dinâmicas, de modo a criar ações efetivas de interferência

e mudança nas concepções ideológicas de mundo. A criação de uma proposta prática vem no sentido de produzir ações efetivas nos modos de percepção do sujeito pela via da experimentação, ao ponto em que essas ações possam influenciar transformações no sentido de ressoarem em conformidade com os verdadeiros princípios da sustentabilidade. Dessa forma não se imaginam relações sustentáveis, experimenta-se a possibilidade de convívio cooperativo dentro da vivência da oficina.

Com essa prática integrativa faço ligação direta aos apontamentos levantados no primeiro capítulo. Se no primeiro capítulo falei de uma urbanidade, sustentabilidade e arte distorcidas, ligadas a interesses mercadológicos, as práticas dessa oficina fazem uma amálgama com esses temas através de um viés político. A arte aqui é tratada segundo os termos de Rancière (2012), ou seja, há uma capacidade da dimensão estética artística operar em nossos regimes de sensações de forma a restituir a capacidade sensível do indivíduo para retirá-lo de fórmulas e modos de perceber padronizados e instituídos em nossa estrutura social.

A urbanidade pretende ser trabalhada no sentido de se atentar para a configuração do espaço nas dinâmicas propostas, além de produzir uma apropriação do espaço que seja compartilhado cooperativamente. Esse modelo de utilização do espaço visa fomentar uma experimentação sensível que subverta as configurações impostas no espaço determinado através da distorção dos instintos de competitividade e individualismo. Dessa forma, as dinâmicas elaboradas propõem a reprodução de situações recorrentes que nos deparamos em nosso contexto urbano para serem vivenciada através da subversão da expressão corporal.

A sustentabilidade é trabalhada através da sensibilização apreensiva do indivíduo e pela experiência política de jogos cooperativos e suas influências nas disposições das pessoas em agirem comunitariamente.

Com a aplicação dos jogos cooperativos, no decorrer das dinâmicas, inicia-se o diagnóstico que identifica os instintos dominantes e reprimidos de cada participante. Esse diagnóstico é feito com base em minha formação terapêutica e na minha vivência dos instintos propostos por Don Richard Riso e Russ Hudson. As descrições dos comportamentos instintivos a seguir são baseadas em minha interpretação teórica e empírica dos instintos. Com isso, as pessoas que possuem o *instinto sexual* dominante tendem a ser estimuladas em contextos de competição, pois o *instinto sexual* dominante

se recarrega quando exercita a competição, pois ocorre uma grande euforia inconsciente nessa demonstração de forças e habilidades ao ponto de serem feitas até trapanças para ganhar. Em uma das oficinas oferecidas, testemunhei um caso em que uma pessoa, cujo *instinto sexual* era dominante, perdeu uma unha do pé durante a dinâmica e se recusou a parar de jogar, salpicando toda a sala de sangue. É como se naquele momento da disputa fosse vida ou morte. Tais pessoas tendem a ser mais impulsivas, explosivas e determinadas. Também tendem a buscar se conectarem com ideias e pessoas que consideram interessantes, mas essa relação costuma ser restrita entre uma pessoa a outra, e não em relação a um grupo. As frases “olho por olho e dente por dente” e “quem com ferro fere, com ferro será ferido” dizem bem a respeito dos *sexuais* dominantes.

Já as pessoas que possuem o *instinto social* em dominância tendem a gostar de um contexto cooperativo, buscando reforçar uma autoimagem positiva perante o grupo. São mais amistosos, meigos e mais suscetíveis a demonstrações de afeto. Os *sociais* dominantes têm uma habilidade de entrosamento e comunicação incrível. São bastante flexíveis e se adaptam ao perfil ou tendência do grupo. Estão mais dispostos a abrir mão da competição se essa causar rejeição da sua imagem perante o grupo. Os *sociais* se recarregam quando se sentem parte do grupo, são os que ao final da oficina vão pegar o maior número de contatos dos integrantes, ou sugerir que montem um grupo. As frases “uma andorinha só não faz verão” ou “unidos venceremos” dizem bem a respeito dos *sociais dominantes*.

As pessoas com instinto de *autopreservação* dominante tendem a ser mais reservadas, possuindo pouca ou quase nenhuma expressividade. São mais acanhados e introspectivos, tendem a analisar mentalmente o ambiente sem entrosar com ele. Geralmente não são propícios aos contatos corporais, aos rompantes emocionais ou as cargas de agressividade. São mais apáticos e autocentrados, havendo uma tendência maior de gostarem de propostas que lhes deixem independentes, sem depender do confronto ou do entrosamento com o outro. Preferem ficar sozinhos, gostam de ter controle sobre o ambiente, mantendo-se neutro e distante. O que está em jogo para a *autopreservação* é proteger sua própria energia, por isso há uma economia no modo de se expressar. Eles se recarregam na precaução. As frases “antes só do que mal acompanhado” ou “a galinha que acompanha pato afoga” dizem bem da *autopreservação*.

Através da observação particular e cuidadosa de cada participante, procuro observar de maneira sutil, durante a condução da prática, os instintos dominantes e

reprimidos de cada um. Depois de perceber o entrosamento e o andamento do grupo podemos encaminhar dinâmicas mais complexas que exigem um alto grau de engajamento, justamente para que essa mobilização possa externar impulsos íntimos que se encontram mascarados. Buscando, assim, cada vez mais se aproximar o que Grotowski (1971) chamou de *ato total*, a saber:

É o ato de desnudar-se, de rasgar a máscara diária, da exteriorização do eu. É um ato de revelação, sério e solene. O ator deve estar preparado para ser absolutamente sincero. É como um degrau para o ápice do organismo do ator, no qual a consciência e o instinto estejam unidos. (GROTOWSKI, 1971, p. 165)

Essa é uma tentativa de ampliação da consciência para mobilizar o indivíduo em suas relações íntimas consigo mesmo e com o mundo para retirá-lo da dispersão e dos bloqueios de sua postura perceptiva cristalizada do cotidiano.

A medida que a complexidade das dinâmicas da oficina avança, influencia o participante a uma saída de si, já que a dinâmica exige um outro corpo, uma outra atenção na qual os quereres pessoais saem de cena para que se possa operar a altura dos desafios que surgem a cada instante. Com isso, há mobilização, e também há possibilidade de transformação nos termos do *cuidado de si* de Foucault (2006). Isso se dá pela compreensão em níveis racionais, emocionais e instintivos que surgem no contato das relações oferecidas pelas dinâmicas e instauradas pela condução do trabalho.

A complexidade das dinâmicas para as interações práticas está em diálogo com os apontamentos encontrados no artigo “Cultures of sustainability and the aesthetics of the pattern that connects” (2010), de autoria de Sacha Kagan. Este artigo aborda a importância da pluralidade cultural para a sustentabilidade. O autor aponta como as ações que controlam o sistema devem ter uma variedade igual a variedade do sistema. Isso significa que a saúde e a manutenção de um sistema dependem da abundância de interações que permitem uma gama mais ampla de respostas desse mesmo sistema. Se olharmos uma pessoa como um sistema, a proposta prática dessa pesquisa visa intensificar a complexidade das relações justamente para possibilitar respostas conectadas com variedades de operações racionais, emocionais, instintivas e intuitivas. Que o controle do indivíduo sobre si esteja em equilíbrio com esses processos, para uma transformação existencial além do racionalismo expresso na máxima *penso, logo existo*. Se a cultura é uma dimensão central em uma ação sustentável para preservar a diversidade

em nossa sociedade, precisamos nos tornar sensíveis a ela; precisamos, em suma, constituir a nós mesmos e a sociedade em comunicações abertas com seus ambientes.

Descreverei algumas experiências ocorridas durante a execução das oficinas, assim como explicitarei o objetivo de determinadas dinâmicas e como elas se ligam a proposta da pesquisa de autoconhecimento em torno de questões artísticas, urbanas e sustentáveis.

UM PRINCÍPIO NORTEADOR ADOTADO PARA CONDUÇÃO DAS DINÂMICAS

Um princípio fundamental que perpassa por toda oficina é a diferença entre representar algo e vivenciá-lo. Em minha condução das dinâmicas encorajo sempre a tentativa da não representação. No momento em que o voluntário executa a dinâmica e outro assiste, o segundo torna-se *testemunha*; termo que Grotowski propôs no intuito de enfatizar que este não é um mero espectador de algo premeditado (LIMA, 2012). Quem executa a dinâmica deve procurar canalizar toda sua atenção psicofísica, sem dispersão, para que seja possível uma ampliação da consciência. Assim, o ato de representar surge quando há fragmentação da percepção por parte de quem executa a dinâmica ao se preocupar com a opinião dos que observam a ação. Para Krishnamurti, esse é justamente o momento em que criamos uma imagem de nós mesmos, uma representação que busca objetivos externos da própria ação.

Essas outras formas de percepção que sugiro são encaradas, aqui, como dimensões políticas da experiência artística, às quais Jacques Rancière (2012) chama de *regime de sensações e modos de perceber*, instaurados a partir da estética artística. Os paradoxos da relação entre arte e política, para Rancière, “têm a ver uma com a outra como formas de dissenso, operações de reconfiguração da experiência comum do sensível” (RANCIÈRE, 2012, p. 63). Essas operações não dizem a respeito da arte como representação, mas como algo que restitui a realidade à esfera sensível através de uma investigação do artista capaz de provocar rupturas nos determinismos instituídos os quais formatam um certo tipo de realidade hegemônica. Antes de tentar ensinar algo ao público, a obra de arte pode questionar não o que se percebe, mas o como se percebe. Arte e vida se imbricam como possibilidade de composição de mundo. A relação entre vida e obra de arte retoma o conceito de *cuidado de si* de Foucault. Sendo assim, na produção da arte ou da vida, ou mesmo na produção da vida como obra de arte, o que se liga à dimensão política é a

capacidade de transformação da percepção sensível pela produção de novas lógicas de sentido.

As novas formas de produzir a si mesmo através da experimentação da percepção se conecta ao terceiro poder, identificado por Michel Foucault (1988) na antiguidade grega, a saber: o político, econômico e a *enkrateia*. Segundo Foucault (1988, p. 61), a terceira forma de poder mencionada “se caracteriza sobretudo por uma forma ativa de domínio de si que permite resistir ou lutar e garantir sua dominação no terreno dos desejos e dos prazeres”. Nesse sentido, a *enkrateia* ou o *cuidado de si* se difere do poder econômico e político por não se tratar de um modelo que pode ser aplicado como forma de governar. Ela seria a capacidade do sujeito de se constituir sem um modelo preexistente. Ou seja, pode-se governar a cidade e a própria casa através da reprodução de um modelo político e econômico, mas não podemos governar a nós mesmos com modelos prontos, pois a existência precisa ser produzida rompendo modelos instaurados. A *enkrateia*, como estética da existência, é a tentativa de se constituir singularmente. Entretanto, a constituição ocidental da subjetividade baseia-se em modelos econômicos e políticos provenientes de instituições como igreja, escola, família, universidade etc. Sendo assim, esse poder existente na antiguidade grega, não se estabeleceu ao longo do tempo até a atualidade, pois a competitividade e o individualismo, tão presentes em nossa sociedade, são sintomas da ausência da *enkrateia* ou autoconhecimento.

Partindo do pressuposto de que a arte é o campo responsável por produções não ligadas a modelos pré-existentes, é possível encontramos a *enkrateia* na esfera artística. Assim, a produção de si como obra de arte é a tentativa de emancipação do indivíduo pela ampliação da consciência, promovida pela percepção da realidade integrada às múltiplas capacidades racionais, emocionais e instintivas. Estas, quando acessadas de maneira integral, são capazes de orientar o indivíduo restituindo-lhe das distorções promovidas por percepções parciais e cristalizadas e, assim, reestabelecendo seu contato íntimo com a realidade.

As práticas que serão descritas foram especialmente selecionadas por trazerem em si um potencial intensificador da percepção de si. A percepção de si é intensificada à medida que os participantes são incitados a se engajarem na relação na qual dinâmica propõe. Isso se dá devido a sofisticação que essas dinâmicas apresentam em suas configurações, pois não se pautam na determinação de um objetivo que reduza a experiência, mas seu foco se baseia na ampliação da experiência através da sensibilização

da percepção. Essas dinâmicas abrem a possibilidade de explorar novas formas de ser, devido ao encontro dinâmico de forças emocionais, mentais e instintivas que surgem da apreensão de novas relações desencadeadas. Segundo Deleuze (2002, p.130), “nunca, pois, um animal, uma coisa, é separável de suas relações com o mundo: o interior é somente um exterior selecionado; o exterior, um interior projetado”. Desta forma, o processo de se relacionar é um processo constituinte e revelador que deve ser influenciado em processos práticos que visem o autoconhecimento.

Um exemplo de objetivo que amplia a percepção para um regime sensível está na próxima dinâmica a ser descrita, denominada “Olhos fechados”, e, que está incorporada nessa oficina. Sendo uma dinâmica que começa com a simples exploração do espaço para desembocar em uma ação ligada a escuta do que acontece, baseada na concepção de *micro percepções* de Grotowski, que diz respeito ao refinamento sensível da percepção mediante o contato.

DE OLHOS FECHADOS

A dinâmica de olhos fechados começa com o simples comando de formarem duplas. Nessa dupla um integrante vai ficar de olhos fechados e, para esse integrante, é sugerido de início uma exploração pelo espaço. O outro integrante que fica de olhos abertos deve proteger a integridade do parceiro que está de olhos fechados, para que o mesmo não se machuque ao se chocar com uma quina ou qualquer assimetria que o espaço possa oferecer. Esse de olhos abertos é chamado de cuidador. Uma importante sugestão passada ao cuidador é o cuidado de interferir o mínimo possível na exploração do espaço pelo seu parceiro, de só interferir quando o perigo for eminente. Depois de uns 10 minutos são sugeridas trocas, quem estava de olhos abertos os fecha e quem estava de olhos fechados, abre, pois ambos passaram pela experiência de explorar o espaço e de cuidar do parceiro. No terceiro momento é sugerido que todos fiquem de olhos fechados. Essa condução de trabalho traz o preceito de metabolismo para o andamento da oficina, quer dizer que a dinâmica é sugerida de maneira a aumentar o grau de dificuldade, buscando sempre desafiar os participantes, dessa maneira procura-se dinamizar a experiência para maior engajamento e, conseqüentemente, uma ampliação da percepção. Na fase em que todos os integrantes se encontram de olhos fechados é possível complexificar o canal da dinâmica, quando é sugerido que para além da exploração tátil espacial deve-se fazer outra exploração, que está ligada às micro percepções, quando é sugerido para as pessoas

que estão de olhos fechados buscarem uma ação ligada a (escuta do que acontece). Esta sugestão busca orientar os participantes da dinâmica para o engajamento do próprio movimento em uma escuta de si, na qual os impulsos passam a ser a fonte de orientação do movimento pelo espaço. Com isso, abrem-se paralelos para a percepção sair do simples “explorar o espaço” e buscar outras conexões com as forças que constituem a vida. Agora, para além de mapear o espaço com o tato, é possível escutar os próprios impulsos criando uma sofisticação na dinâmica. Pensando em termos sustentáveis, deve-se buscar a sensibilização da percepção de si, abrir a possibilidade de criarmos outras formas mais satisfatórias de lidar com os próprios impulsos e poder dar expressões para eles de maneira a potencializá-los no sentido de uma vida mais plena. Quando nos libertamos das formas instituídas que lidamos com as forças que nos constituem, surge a possibilidade de viabilizarmos outras expressões existenciais mais condizentes com nossa atualidade. Esse esforço revela a tentativa de influenciar uma transformação de si pela ampliação da escuta de si para libertarmos-nos dos condicionamentos impostos pela própria imagem estruturada que mantemos de nós mesmos, essa imagem que outrora foi necessária para lidarmos com a vida, mas que, agora, já não se faz necessária.

Filosoficamente, o que está em jogo nessa prática descrita acima é a experienciação onde a vida deixa de ser uma imagem e passa a ser consumada como uma sensação constante, quando o sentir é ser. Quando não dissociamos a sensação de nós mesmos, nós somos essas sensações. Para Krishnamurti, quando o pensamento tenta controlar a sensação, classificando ou analisando-a, nós perdemos a capacidade de transformar nosso padrão existencial, pois perdemos a integridade e sensibilidade perceptiva de expressarmos de maneira satisfatória esses fluxos de intensidade que constituem a vida. Segue, abaixo, meu desenho o qual esboço a dinâmica de olhos fechados.

FIGURA 9 – Dinâmica dos olhos fechados



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

Em termos de sustentabilidade, a oficina busca consolidar no grupo uma ética de trabalho cooperativo, quando nas práticas oferecidas estão explícitas um compartilhar de cada expressão individual com o grupo. O espaço da prática visa o acolhimento da multiplicidade das formas que surgirem durante as interações, de olhos fechados eles devem por si mesmos descobrirem no espaço coletivo formas de convívio. A privação da visão leva a encontros espontâneos entre os corpos e, com isso, cabe a esses corpos produzirem outras formas de lidarem entre si de maneira autônoma, já que a não determinação sobre as interações são diferentes das experienciadas em nosso cotidiano, justamente para que essas novas formas de interação possam influenciar posteriormente nosso cotidiano. Os limites e tabus instituídos em nossa sociedade que introjetamos em nossa postura existencial sofrem fissuras e brechas, podendo ocasionar o surgimento de novas produções nas relações do grupo. Pois a atmosfera de interação proposta pela oficina busca uma destituição de hierarquias, ao lidar com as pessoas como potência de forças, e também pelo maior número de dinâmicas de estrutura cooperativa para influenciar uma experiência que intensifica a complexidades das interações, já que o foco da oficina são as forças de interação ao invés das formas, na tentativa de nos livrarmos de

uma moral reativa em busca de uma ética efetiva, uma ética produzida por esses indivíduos sensibilizados que buscam outras formas de interação mas satisfatórias.

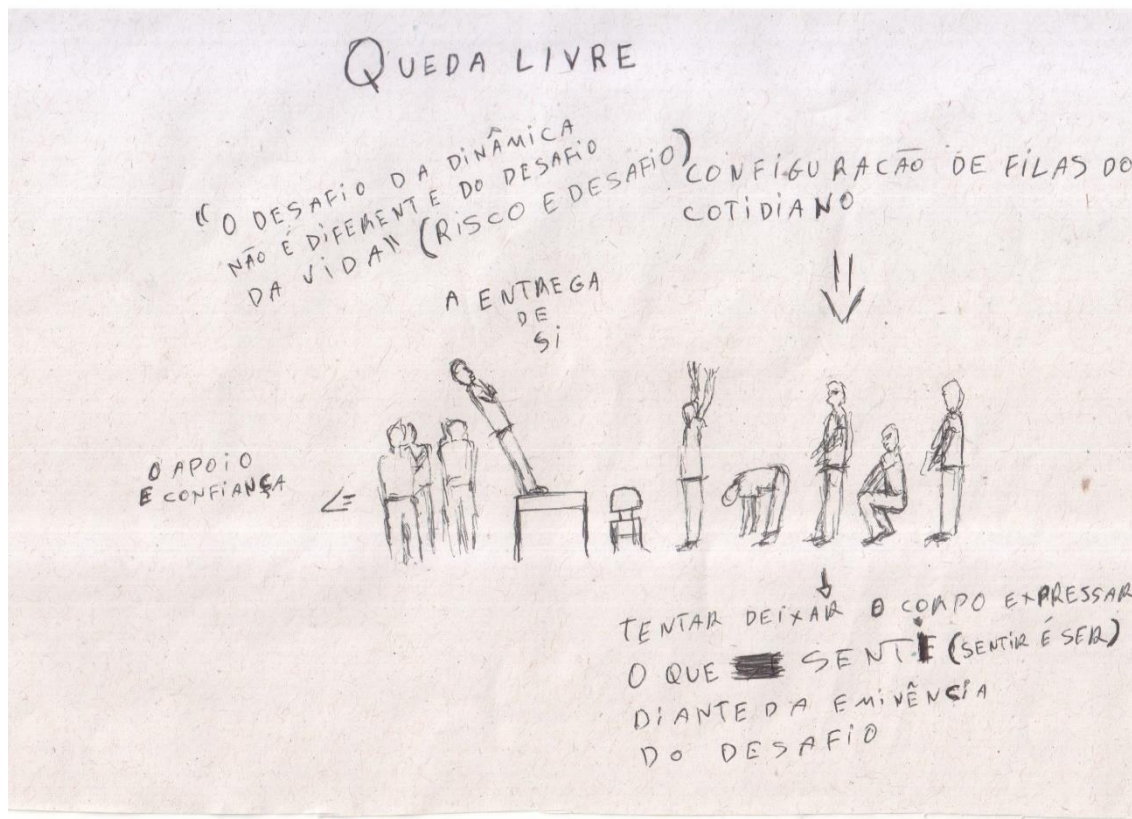
Foi possível perceber, durante a aplicação da oficina, que para efetuar uma determinada dinâmica, principalmente se tratando de um grupo desprovido de vivências em trabalho de expressão corporal, é imprescindível que se tenha uma condução de trabalho progressiva. Posteriormente, refletindo na primeira execução da oficina, foi compreendido que se faz necessário incorporar outras dinâmicas que possam efetivar esse metabolismo no grupo, fases intermediárias que possam ajudar a dar engajamento e preparação para dinâmicas mais desafiadoras. Um exemplo em questão foi a execução da dinâmica da queda livre. Depois de executá-la na primeira oficina, percebeu-se que para um melhor metabolismo do grupo uma outra dinâmica fosse introduzida para anteceder a dinâmica da queda livre.

QUEDA LIVRE

A queda livre é uma dinâmica onde quatro voluntários são posicionados em frente uma mesa ou plataforma que tenha aproximadamente 1 metro de altura. Os quatro que estão à frente ficam posicionados em duas filas paralelas em frente a essa plataforma de lançamento. A esses quatro voluntários é ensinada uma forma consistente de entrelaçamento de braços para que possam suportar de maneira confortável o peso de uma pessoa em queda livre. Uma fila é posicionada no outro lado dessa plataforma onde os voluntários vão subindo um de cada vez para se lançarem de costas em queda livre e serem amparados pelos quatro voluntários com os braços entrelaçados. Na execução dessa prática foi percebido que, para efetivar o metabolismo, seria interessante uma outra dinâmica que pudesse ser similar a queda livre, mas em um grau mais ameno de desafio. Para tal propósito, pode-se usar o “Jogo do João Bobo”. Esse jogo consiste em fazer um círculo com mais de quatro pessoas com um voluntário ao centro; as pessoas do círculo ficam em uma posição similar a de luta, onde apoiamos um pé ligeiramente dobrado a frente do corpo e outro fica posicionado mais atrás do corpo funcionando com um apoio. O integrante do meio do círculo deve manter os pés juntos sem dobrar os joelhos nem os quadris, mantendo uma posição de prancha. Feito isso, ele pode cair em qualquer direção do círculo que os integrantes do círculo irão recepcionar seu corpo devolvendo ele para o centro. Essa prática pode influenciar o metabolismo do grupo a chegarem mais aptos para o desafio da queda livre, pois cria-se, assim, uma gradação do desafio das dinâmicas,

facilitando o trabalho e criando condições para o grupo ir adentrando na complexificação da proposta. Abaixo, outro desenho de autoria minha ilustra a dinâmica *queda livre*.

FIGURA 8 – Esboço sobre a dinâmica queda livre, com indicações sobre as sugestões de condução da mesma.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

Em termos de urbanidade usamos o esquema de fila presente nessa dinâmica. Sendo a fila uma condição inevitável do nosso cotidiano urbano, aqui a proposta da dinâmica que antecede a queda livre é estimular cada participante a expressar, sem o uso da fala, a sensação que cada um sente no avançar da fila em direção a queda. Para isso, buscou-se influenciar outras formas de expressar as forças que constituem a vida. Nas filas que deparamos no nosso cotidiano quase sempre somos coagidos a bloquear o que sentimos em prol de uma pressão social instituída pela disciplina dos corpos. Com essa dinâmica busca-se influenciar novas formas de expressar nossos estados íntimos, rompendo com a determinação de nossos padrões existenciais na busca de formas mais equilibradas de produção de vida. A busca, aqui, é através da expressão tentar descobrir um equilíbrio, onde nem a postura “carente” cotidiana de repressão através da uniformização do nosso comportamento social, nem a agressividade animalesca seja adotada, mas sim um meio termo, quando somos capazes de lidar de maneira mais

satisfatória com nossos impulsos internos de forma que possamos renovar essas forças sem desrespeitar o próximo, mas também sem desrespeitar a nós mesmos. Com isso, o indivíduo como parte da sociedade pode, em suas relações, produzir novos modos de relações mais eficazes e satisfatórios do que os já instaurados e convencionados socialmente, baseados em uma ideologia de dominação e controle social. Produzindo, assim, uma reposta periférica do sistema que em sua diminuta parte pode modifica-se em sua totalidade pelo efeito de relações mais voltadas à emancipação do indivíduo do que seu controle, decentralizando um poder hegemônico da massificação cultural em prol de uma diversidade cultural na qual as autonomias das partes envolvidas produzem respostas diferenciadas ligadas ao seu meio ao invés de respostas genéricas convencionadas.

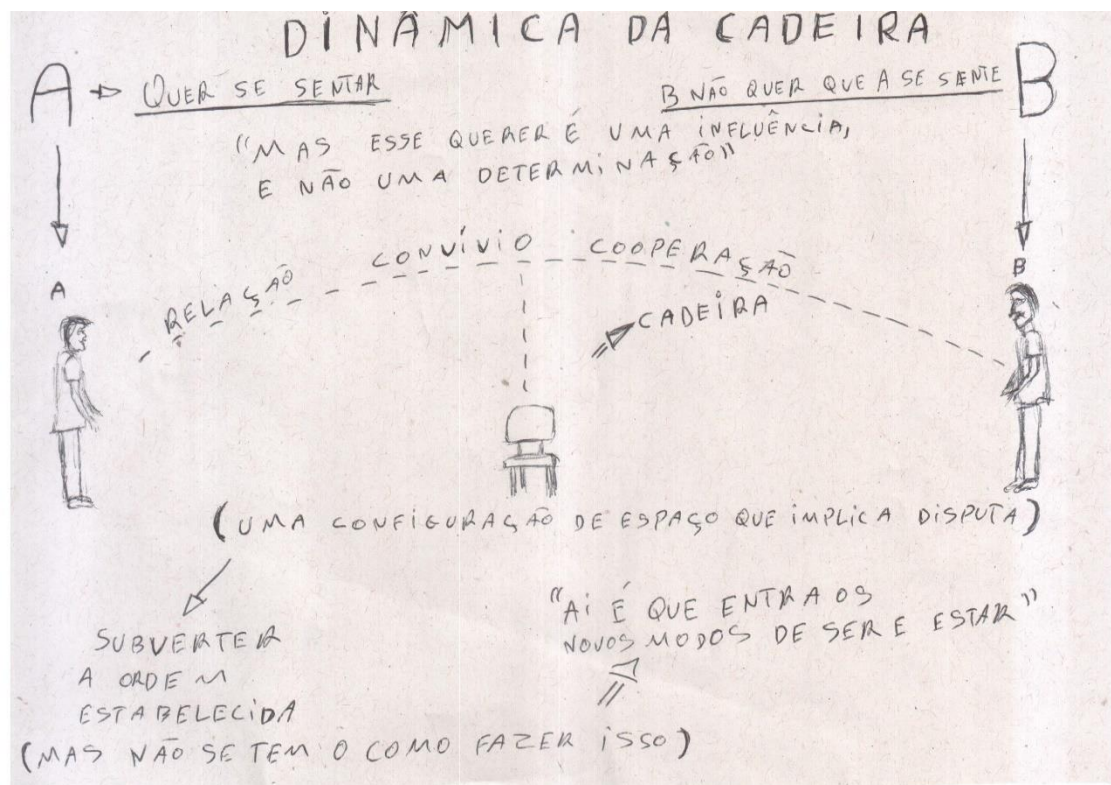
A DINÂMICA DA CADEIRA A E B

O jogo A e B da cadeira é um aliado no acesso aos instintos dominantes, pois em sua execução é possível incitar os voluntários a entrarem em contato com o desnecessário, o artifício por trás de nossas expressões, incentivando a criação de respostas mais adequadas diante da nova relação que a dinâmica instaura entre A, B e cadeira. Respostas essas à altura do momento presente em um contexto onde duas pessoas desconhecidas são colocadas em interação mediada por uma cadeira que instaura, enquanto regra da dinâmica, uma influência antagônica entre A e B. Dentro desse antagonismo de forças é possível, na condução do trabalho, a sugestão de acesso aos instintos, privilegiando as forças instintivas ao invés das formas já estruturadas que trazemos, e com isso é possível surgir novas linhas de ação. O surgimento de novas formas de relações, segundo minhas observações, acontece quando o indivíduo acessa certas operações perceptivas capazes de suspender os automatismos de sua autoimagem, uma autoimagem que foi gerada pelas experiências passadas, mas que pode ser destituída pela conexão com aqui-agora da dinâmica. A sedimentação de posturas que adotamos em nossa conduta se tornam inconscientes, e a conscientização dessas formas cristalizadas permite uma nova apreensão das forças instintivas como primeiro passo para um possível equilíbrio.

Em termos urbanos, podemos ressaltar a configuração dessa dinâmica que determina um espaço coabitado por interesses diferentes, mas que ao mesmo tempo incentiva em sua condução um convívio que permite esses “quereres antagônicos” existirem e se complementem nas descobertas de novas formas de se relacionar entre a

configuração excludente de uma cadeira para duas pessoas. Isso acontece, pois, em virtude da tentativa de rompermos com o determinismo do espaço, subvertendo com as descobertas de outras formas de convívio entre as pessoas o espaço e os afetos. A figura 11, abaixo, é uma ilustração minha sobre a dinâmica da cadeira A e B.

FIGURA 9 – Ilustração sobre a dinâmica da cadeira A e B com indicações sobre a condução.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

E nos termos de equilíbrio instintivo, isso significa caminhar no sentido de não possuímos um instinto dominante, mas sim, uma capacidade de expressão instintiva não condicionada pela personalidade que pode distorcer o ambiente. Um contato direto com o meio sem distorção, si da quando há equilíbrio instintivo. Quando se conecta com o que o ambiente apresenta e não o que ele representa. Quando o instinto tende a ser acessado conforme as demandas do ambiente e não mais aos nossos receios e anseios pessoais.

O JOGO CAÇA E CAÇADOR

Esse jogo consiste em dois voluntários no centro da sala vazia e de olhos fechados. Para dar início, são emitidos vários ruídos sonoros pelo grupo, justamente para que ambos os jogadores possam assumir um lugar estratégico, já que o objetivo do jogo é que um dos candidatos seja a caça e o outro o caçador. Nesse contexto de vida e morte foi possível testemunhar emocionantes caçadas humanas.

Esse jogo foi o que demonstrou maior potencial para imersão aos instintos. Pensando sempre no equilíbrio desses instintos, o contexto desse jogo favorece a intensificação das forças instintivas pela privação sensorial e pelo objetivo de caça. Com isso, é possível influenciar uma experiência instintiva ligada à conscientização dessas forças com a possibilidade de percebermos qual é o instinto dominante em cada pessoa e, conseqüentemente, qual é o instinto mais adormecido, na tentativa de conscientização visto que o equilíbrio da reação instintiva se dá pela demanda do ambiente quando estamos aptos a respondermos aos estímulos de maneira coerente.

ANDANDO PELO ESPAÇO

Esse jogo foi elaborado para ter uma realização progressiva. Começamos simplesmente andando pelo espaço e tentando preencher as lacunas provenientes da movimentação das pessoas pelo espaço. No segundo momento, os voluntários são incitados à conexão via olhar, na medida em que a movimentação leva ao encontro desses corpos. Em seguida, os participantes aproveitam desses “encontros” a fim de perceber em si mesmos o que é aflorado pelo contato e a escuta sensível dos estímulos. O dentro e o fora se constituem em uma tentativa de não dissociar o observador do objeto observado. Essas influências dos olhares podem cada vez mais serem expressas pelo corpo, na tentativa de romper o lapso de tempo entre estímulo e resposta, buscando sempre algo mais imediato e espontâneo.

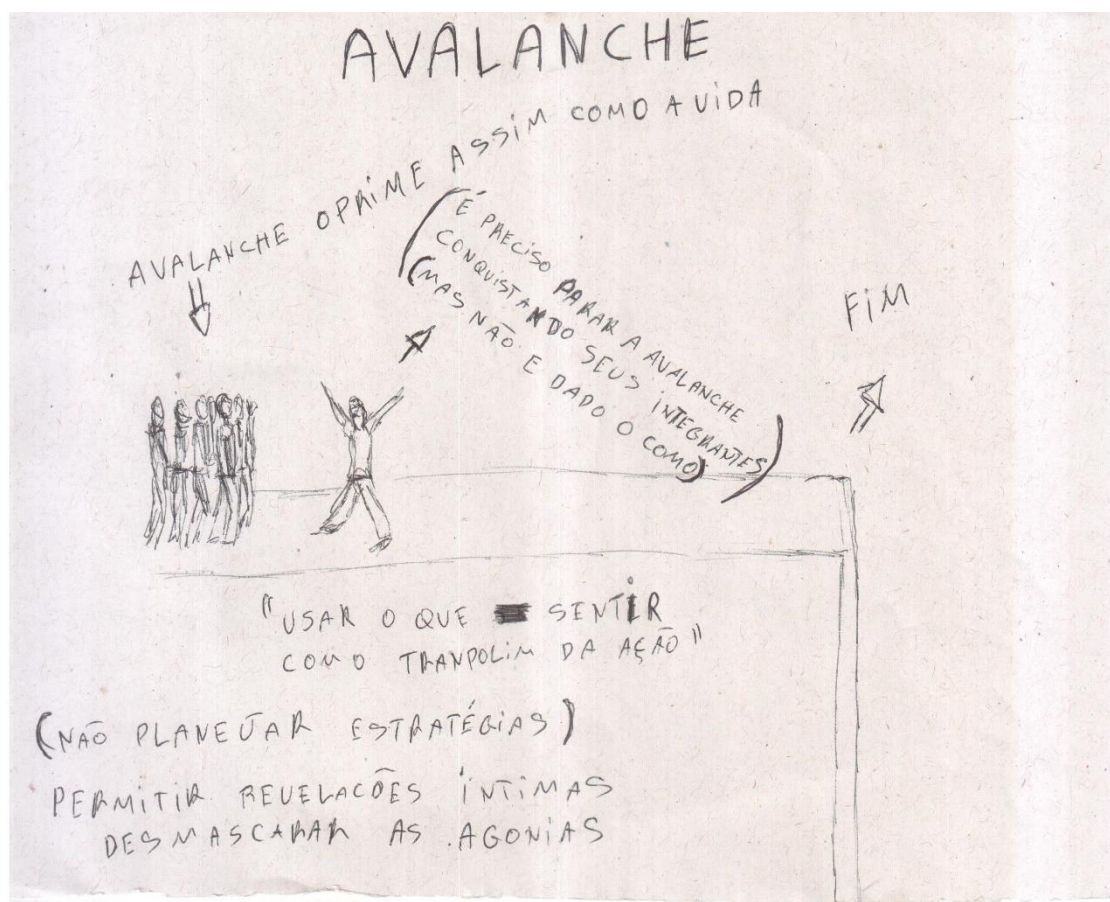
Esse exercício foi pensado e inspirado em nossa correria urbana cotidiana, em nossos automatismos expressos na trajetória que percorremos diariamente na maioria das vezes com objetivos fixos e determinados que impedem a compreensão de nossa relação com nós mesmos e com espaço, levando nossa percepção a ignorar os estímulos que nos cercam e orientam. O objetivo central da dinâmica é propiciar um despertar dessa sensibilidade perceptiva como experiência constitutiva, pois os encontros dos olhares

aleatórios revelam estados íntimos que sonhamos constantemente, e só a escuta desses estados íntimos possibilitaria produzirmos formas mais saudáveis de ser e estar no mundo para o equilíbrio dessas sensações que nos constituem. Em tal dinâmica é possível incentivar os voluntários a irem de encontro aos paradoxos existenciais, como por exemplo: *o indeterminado quando não há escolhas, só há aceitação do que se tem, a interação, o contato é um campo de forças*. A preocupação maior é garantir um rigor na condução para que os voluntários experienciem intensidades das relações propostas pela dinâmica.

AVALANCHE

Para a aplicação dessa dinâmica, forma-se um grupo de pessoas em um canto da sala contendo todos os participantes e um voluntário se posiciona em frente esse grupo. Esse grupo se move vagarosamente para a frente de maneira uniforme como uma massa de gente. O voluntário, localizado à frente, tenta conter a avalanche. É, neste instante, o começo da complexidade do jogo, embora o objetivo pareça óbvio, justamente porque o voluntário sabe que precisa deter a avalanche, mas não é dado o *como*. Além disso, o mesmo voluntário sabe que não pode nem machucar o espaço nem os integrantes, de resto pode tudo. Com isso, cabe ao voluntário que está à frente da avalanche tentar ser interessante para conquistar seus integrantes no esforço por deter o avanço da avalanche que vai empurrando o voluntário para trás até ele encostar-se na parede ou em uma marca limite. Com essa situação, cria-se uma atmosfera de intensidade de forças e a condução do trabalho estimula a pessoa que está à frente da avalanche perceber a eminência da sua situação, e também o que é possível extrair da situação por se permitir ao reconhecimento da existência de diferentes níveis de realidade governados por diferentes tipos de lógicas racionais, emocionais, instintivas e intuitivas. Assim, reduzir a realidade em apenas uma dessas lógicas é perder a diversidade da nossa capacidade apreensiva. Não há resposta certa para conter a avalanche, mas sim um estado que requer uma mobilização de si como resposta ao desafio, todo o corpo envolvido na produção de conhecimento. Todas as nossas capacidades racionais, afetivas, instintivas e intuitivas possuem a mesma finalidade – o entendimento, a produção de conhecimento. A figura 12, a seguir, é um desenho de minha autoria que esboça a dinâmica da *avalanche*.

FIGURA 10 – Desenho sobre a dinâmica da avalanche e indicações da condução prática.



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

Seguindo os apontamentos de Krishnamurti (2007), a condução da dinâmica incentiva a conexão do voluntário com o próprio estado, na indivisibilidade do sentir e ser. Desse modo não sinto a vergonha, a ansiedade ou a euforia, eu sou a vergonha, a ansiedade a euforia. A tentativa de influenciar um estado de ampliação da consciência que possibilite a aceitação incondicional do que está sendo naquele momento sem julgamento, sem comparação. Estados de experiências sem escolhas que são capazes de produzir relações novas e abertas que rompem o condicionamento cristalizado na memória de antigas experiências.

A proposta da oficina, a rigor, tenta fornecer uma atmosfera de intensidade que favoreça estados mais descontraídos da imagem estruturada que cada um mantém de si. Essa descontração da imagem de si pode influenciar a diversidade da capacidade apreensiva e também revelar a força que cada instinto manifesta individualmente. Com isso, visa influenciar uma sensibilização apreensiva nos participantes oriundas das interações na tentativa de levar cada integrante a ficar mais consciente do seu estado

íntimo, para que essa consciência sobre a diversidade racional, emocional, instintiva e intuitiva da nossa apreensão possa reforçar a mobilização e transformação de si como obra de arte. A beleza da existência vem da nossa desenvoltura, em nos produzirmos sem nenhum modelo pré-existente como resposta aos desafios das dinâmicas propostas aqui, que não diferem dos desafios da vida. A tentativa é romper com ideais instaurados, formulas instituídas de ser e estar. Quando o indivíduo se abre para o desconhecido essa abertura é uma transformação, essa abertura para a experimentação perceptiva destitui assim a reprodução de formulas instituídas socialmente, como as imagens de pai de filho ou marido entre outras como certas e absolutas.

4.4 Resultados

A prática descrita acima foi executada até o presente momento em 5 lugares.

- O primeiro lugar foi na disciplina de estágio do Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) na disciplina improvisação cênica com a turma de bacharelado em teatro da UFSJ no 2º semestre de 2017.
- O segundo aconteceu no 1ª Seminário de Educação Teatral Trocas e Propostas, evento acadêmico realizado no interior das atividades do Curso de Teatro da UFSJ.
- O terceiro foi no 1º Simpósio Internacional de Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (SIAUS), também realizado, em novembro de 2017, na UFSJ.
- A quarta oficina foi para o Grupo de Dança Afro Adidê Orí, coordenado pelo Prof. Webert Sousa composto por alunos da UFSJ e interessados em geral.
- A quinta oficina foi para a turma de yoga coordenada pelo Prof. Pedro Azalim, no espaço Nucleo de Yoga Shiva Shakti.

Essas oficinas permitiram um aprimoramento da proposta com um amadurecimento pessoal e profissional da minha parte, o que já permite uma reflexão sobre os efeitos da oficina. Foi possível perceber como os integrantes, de maneira geral, ficavam surpresos por descobrirem como determinado instinto determinavam a forma de expressão de cada participante. Durante as rodas de conversa finais, ouvindo os depoimentos de cada participante, era possível perceber como estavam perplexos com relação a características pessoais e problemas recorrentes, que passam a ser

compreendidos com outra luz. As pessoas que descobriram seus instintos reprimidos ficaram surpresas como naquela área da vida realmente não encontravam nenhuma motivação, pelo contrário, eram sempre resistentes aos ambientes que pediam aquele tipo específico de atuação instintiva. Já em outros casos, com as pessoas de instinto sexual dominante, foi muito proveitoso como essas pessoas passaram a perceber suas disposições competitivas, como elas demonstravam terem obtido uma certa clareza de sua própria intimidade, que já tinham sido rotuladas por outras experiências de maneira condenatória.

A explicação teórica dos instintos no começo da oficina, mais a experiência de acesso aos instintos na parte prática da oficina, e a terceira parte que é a roda de conversa quando os participantes preenchem os marcadores expressivos. Facilita uma consolidação de compreensão em outro nível, mais substancial e consistente. De maneira geral, a maioria das pessoas saíram da oficina mais conscientes de si mesmas, mais propensas a compreender suas ações do que simplesmente julgar a si mesma, graças a uma experiência estimuladora de outros níveis de apreensão.

Foi fundamental considerar esses instintos na metodologia dessa dinâmica prática de grupo, pois se queremos, de alguma forma, contribuir na relação entre o ser humano e seu meio, precisamos entender os mecanismos primordiais que fazem parte dessa interação.

Segundo o site *British Broadcasting Corporation* (BBC)³, a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou dados que revelam que, em 2010, o número de pessoas mortas por problemas relacionados à obesidade foi três vezes maior que o número de pessoas mortas por desnutrição. Existe, portanto, um grave desequilíbrio, visto que a morte por desnutrição não é um fator relacionado à escassez de recursos, mas sim relacionada a interesses econômicos. A morte por obesidade se dá em consequência do excesso de alimento inapropriado para a saúde. Nesse sentido, torna-se urgente a necessidade de propostas voltadas para compreensão do desequilíbrio da nossa própria espécie. É preciso efetivar o equilíbrio dessas forças instintivas para que as mesmas não sejam absorvidas na manutenção de um sistema capitalista propulsor de uma competitividade animalisca fomentada pelo mercado. Essas expressões da espécie humana não podem ser vistas como

³ Para mais informações, acesse:
http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2012/12/121214_obesidade_

a expressão de uma espécie racional, mas pode ser entendida como a expressão de mecanismos instintivos de sobrevivência distorcidos. Se levarmos em conta o relato contido no livro “A vida secreta das árvores” de Peter Wohlleben (2017), descobrimos que outras espécies, como as árvores, são capazes de desenvolver um alto grau de instinto social, ao ponto de um tronco com mais de 50 anos caído na floresta se manter vivo com ajuda de uma rede de raízes através da qual outras árvores nutriam esse tronco fazendo fotossíntese e lhe enviando açúcares. Diante disso cabe a nós a pergunta, o que nos impede de expressarmos esse instinto social de maneira saudável e equilibrada?

Quando trabalhamos com acessos aos instintos, conscientemente estamos contribuindo diretamente para o florescimento de um senso crítico ligado a manipulação dos meios de comunicação, já que grande parte das campanhas publicitárias são voltadas para os nossos instintos, pois os especialistas em marketing sabem que o efeito da propaganda é muito mais eficaz quando ela consegue operar em nossas camadas reativas de comportamento. Como foi demonstrado no documentário “The Century of the Self” de (2002), as descobertas científicas do inconsciente foram absorvidas pelos meios publicitários e viraram uma arma contra a população. Quanto mais o sistema conhece a nós mesmos, e menos compreendemos a nós mesmos. Cria-se, com isso, uma alienação coletiva que concede poderes quase ilimitados a um sistema de controle social. A autonomia só pode se manifestar quando o indivíduo encontra meios palpáveis de se constituir mais consciente de si mesmo e menos influenciado por uma imagem de homem pré-determinada que atende uma estrutura de controle social.

Podemos relacionar esse trabalho de equilíbrio instintivo com os apontamentos de Milton Santos (2000), ao afirmar que uma das características mais recorrentes na globalização são os comportamentos individualistas e competitivos. Assim, podemos usar essa teoria dos instintos para fazer um diagnóstico de nossa própria espécie. De maneira macroscópica, o sistema capitalista estaria ligado ao comportamento da nossa espécie influenciado predominantemente pelo instinto de autopreservação distorcido ligado ao individualismo e pelo sexual ligado à competitividade. Podemos dizer que nossa espécie cristalizou mais essas duas forças instintivas. Precisamos dar forma enquanto espécie ao instinto social que estaria ligado ao desenvolvimento comunitário. A maior característica do instinto social é a comunicação que, para Milton Santos, são justamente as trocas e comunicações das diferentes culturas que podem diversificar essa hegemonia da globalização atual. Com isso os jogos cooperativos adotados nessa prática efetivam uma

experiência solidária que influencia ações ligadas à democracia participativa. O documentário “The Brain: A Secret History”, do diretor Alicky Sussman (2011), mostra os experimentos do psicólogo Stanley Milgram, nos anos de 1960, sobre nossa obediência à autoridade. Nesses experimentos ficamos chocados ao perceber que pessoas comuns estavam dispostas a fazer crueldade com o próximo simplesmente pela influência de uma autoridade, como estavam dispostos a sacrificar a moral pela influência do ambiente manipulado. Baseados nessa influência do ambiente que essa oficina usa os jogos cooperativos para suscitar a participação de todos os voluntários e contribuir para um objetivo comum ao grupo. Os participantes da oficina estavam impressionados com a mudança na estrutura do jogo competitivo para cooperativo, como ela influenciou a disposição dos participantes, como as pessoas de maneira geral estavam dispostas a competir no primeiro momento e, depois, tornaram-se mais solidárias no jogo. Com isso, trabalhamos diretamente nas dinâmicas a predominância do comportamento individualista e competitivo da nossa atual sociedade, contrapondo com a solidariedade das dinâmicas cooperativas.

FIGURA 11 – Oficina oferecida ao Grupo de Dança Afro Adidê Ori



Fonte: Arquivo Pessoal Douglas S. Lauria

FIGURA 12 – Fotografia da oficina ministrada no 1ª Seminário de Educação Teatral Trocas e Propostas (UFSJ)



Fonte: arquivo pessoal Douglas S. Lauria

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo que, apesar de algumas dificuldades na descrição da pesquisa, de maneira geral, ela se realizou satisfatoriamente. A proposta elaborada, conseguiu, ao utilizar a teoria dos instintos, condensar um ponto comum sobre o qual tornou-se possível trabalhar o eixo arte, urbanidade e sustentabilidade. Isso se deu a partir dos apontamentos em relação a distorção dos instintos do ser humano tanto com seu meio quanto consigo mesmo. Assim, quando há um desequilíbrio existencial isso repercute nas ações do ser e, desse modo, afeta-se as esferas que envolvem a arte, a urbanidade e a sustentabilidade.

No que concerne a questão da arte, tentou-se experienciá-la em um processo sofisticado e subversivo de expressão corporal, na medida em que a oficina foi vivenciada pelos voluntários como processo de sensibilização perceptiva de si, sem que houvesse um objetivo fixo de materialização de um objeto artístico. Portanto, o artístico é entendido aqui como a própria vida e suas múltiplas manifestações na busca do equilíbrio através da ampliação da consciência de si. Desse modo, antes de querermos produzirmos algo belo, é preciso produzirmos a nós mesmos de maneira bela. Tentou-se, na proposta artística, influenciar o autoconhecimento, ou percepção de si, como possibilidade de equilíbrio existencial, na qual a experimentação da percepção se desse como dimensão política da arte através da sensibilização de si. Isto posto, visamos a tentativa de equilibrar as distorções fomentadas pela estrutura social que preconiza valores e modos de viver que vão contra a vida.

No tocante ao urbano foi possível também vivenciar pontos importantes relacionados a possibilidade de subvertermos as configurações espaciais, introduzindo nas dinâmicas propostas pela oficina situações relativas a que encontramos em nosso cotidiano (filas, encontro entre corpos e limitações das configurações do espaço entre outras) para que pudessem ser experienciadas sob novas formas. Foi experienciado na prática novas formas de convívio, alterando, assim, as limitações impostas pelas configurações espaciais e criando outras formas de interação entre os indivíduos e o espaço. Desta forma, restitui-se a dimensão social do espaço ligadas as relações que são produzidas pelos encontros que habitam o espaço. Com isso, o espaço deixa de ser visto como produto manipulável e passa a ser, também, um campo produtor de relações e interações, como aponta Lefebvre (2006).

Em relação a sustentabilidade, foi gratificante, enquanto sentimento geral do grupo, descobrir como a mesma dinâmica pode apresentar objetivos competitivos e cooperativos. Isso repercuti em modos e disposições das relações humanas, de maneira a abrir-lhe novas percepções, como a solidariedade, que pode ser influenciada em contextos cooperativos. A mudança da experiência competitiva para a cooperativa ficou marcada nos participantes, afetando-os em relação a como é possível buscarmos um bem comum. O sentimento final das oficinas, indiferente das diferenças individuais, foi o testemunho da possibilidade de nos apoiarmos mutuamente para ações integrativas.

Em um quadro geral, a elaboração desta oficina de autoconhecimento se mostrou importante por dois fatores principais: primeiro, pela urgência de experiências ligadas a descobertas e a sensibilização de si no tocante a contraposição a massificação da subjetividade que está ligada a produção artificial de uma vida utilizada como meio para atingir um fim capitalizado. E, em segundo lugar, pela atual necessidade que enfrentamos de instaurar atividades e produções de subjetividades que fomentem o estímulo ao convívio e a cooperação para que nossa capacidade de relacionamento humano seja passível de criar focos de resistências que produzam um mundo ligado ao equilíbrio dos instintos e principalmente ao amadurecimento de um instinto social saudável como expressão de uma espécie solidária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução**. São Paulo. Abril S.A. Cultural e Industrial. 1975.
- BROCCHI, Davide. **The Cultural Dimension of Sustainability**. 2008.
- D'AMBROSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Editora Palas Athena, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa – filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Editora Escuta, 2002.
- _____. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- _____. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- ECO, Humberto. **Obra Aberta**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1968, 277 p.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**; tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. **História da sexualidade 3: O cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes. 2007.
- GORZ, André. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. Tradução de celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005. 107 p.
- GROTOWSKI, Jerzy. **Em busca de um teatro pobre**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves São Paulo: Edições Loyola, 2004. 382 p.
- HATTORI, Wallisen Tadashi; YAMAMOTO Maria Emília. **Evolução do comportamento humano: Psicologia evolucionista**. Estud. Biol., Ambiente Divers 2012 jul./dez., 34(83), p. 101-112.
- ICLE, Gilberto. **Pedagogia teatral como cuidado de si**. São Paulo: Hucitec, 2010.
- Jornal Sul21: Funcionários de Nike, Adidas e Puma denunciam agressões em Bangladesh. 05 mar. 2012. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/jornal/funcionarios-de-nike-adidas-e-puma-denunciam-agressoes-em-bangladesh/>>. Acesso em 19 dez. 2017.
- KAGAN, Sacha. **Cultures of sustainability and the aesthetics of the pattern that connects**. 2010.
- KRISHNAMURTI, Jiddu. **A primeira e última liberdade**. São Paulo: Cultrix, 1965.

_____. **A humanidade pode mudar**. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

_____. **A Libertação dos condicionamentos**. Rio de Janeiro: IKC. Instituição cultural Krishnamurti, 1976.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev. 2006.

LIMA, Tatiana Motta. **Palavras Praticadas**: o percurso artístico de Jerzy Grotowski: 1959-1974. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LÓPES-RUIZ, Osvaldo. **Os executivos das transnacionais e o espírito do capitalismo**: capital humano e empreendedorismo como valores sociais. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007, p.320.

MACLEAN, P. D. **The Triune Brain in Evolution**: Role in Paleocerebral Functions. Estados Unidos: Springer Verlag NY, 1990. p. 704.

MOURA, Maria Lúcia Seidl de. **Dentro e fora da caixa preta: a mente sob um olhar evolucionista**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 21, maio 2005, pp. 141-147.

ORLICK, Terry. **Vencendo a competição**. Rio de Janeiro: Nova Era, 1997.

PALMER, Helen. **O Eneagrama**: compreendendo-se a si mesmo a aos outros em sua vida; [tradução Marisa do Nascimento Paro]. São Paulo: Paulinas, 1993.

PASSOS, Eduardo, KASTRUP, Virgínia e ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2012.

PLATÃO. **A República**. S. Paulo: Martin Claret, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: WMF Martins Fontes. 2012. 130 p.

RICHARD, Dawkins. **O Gene Egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RICHARDS, Thomas. *Trabalhar com Grotowski sobre ações físicas*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

RISO, Don Richard; HUDSON, Russ. **A Sabedoria do Eneagrama**. São Paulo: Cultrix, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SIQUEIRA, Adilson Roberto. **Arte e Sustentabilidade**: argumentos para a pesquisa *ecopoética* da cena. In: *Revista Moringa*, v. 1, n. 1, p. 87-99, 2010.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores**: o que elas sentem e como se comunicam. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

Internet:

BBC: http://www.bbc.com/portuguese/ultimas_noticias/2012/12/121214_obesidade_rn.
Acesso em: 12/07/2017.

Filmes:

The Brain: A Secret History. Direção e Produção: Alicky Sussman BBC. Londres, 2011.

The Century of Self. Direção e Produção: Adam Curtis. Inglaterra, 2002.

O Mundo Segundo a Monsanto. Direção Marie-Monique Robin, França, 2008, 108min.

